

# FORMOSA ÉS

*Memórias do internato*

CLOTILDE TAVARES



Edições Engenho de Arte - Natal/RN - 2009

CLOTILDE TAVARES

# FORMOSA ÉS



MEMÓRIAS DO INTERNATO

EDIÇÕES ENGENHO DE ARTE

NATAL – 2009

T229c Tavares, Clotilde. (1947- )  
Formosa és: memórias do internato.  
Natal: Engenho de Arte, 2009.  
150 p.  
1. Literatura brasileira  
2. Memória  
3. Bom Conselho-PE

CDU 869.0(81)

*“Escrever memórias é um ajuste de contas do eu com o eu, e é ilícito mentir a si mesmo.”*

Pedro Nava

*Formosa és, Rainha Imaculada,  
Fragrante lis, aurora divinal.  
Se os olhos meus um dia te olvidarem,  
Ó Mãe, então, recorda-te de mim.*

*Quero morrer cantando os teus louvores,  
Qual rouxinol que expira ao pôr-do-sol.  
Quando partida a minha pobre lira,  
Te cantará meu triste coração.*

(Hino a Nossa Senhora)

*Para*

*Irmã Irene, Irmã Guadalupe, Irmã dos Anjos, Irmã Sara e Notre-Mére, anjos do bem;*

*Dra. Tereza Christina da Costa, a quem eu chamo com carinho e respeito de “Santa Cristina de Tambauzinho”, que me ajudou com essas lembranças e com a dor que elas agora não causam mais;*

*Sophia Loureiro, primeira leitora deste texto e com quem a menina que fui – e que às vezes ainda sou – gosta de conversar.*

## SUMÁRIO

Agora conto tudo	8
Os preparativos	11
Disciplina, fome e pancadas	24
Arquitetura franciscana	50
Internas e órfãs	64
Freiras e frades	73
Pecados e dúvidas	81
Passeios, procissões e vida social	103
O pastoril	115
A contabilidade divina	128
A morte da Fé	136
Epílogo	148

## AGORA CONTO TUDO

Quando a gente vai chegando na meia-idade, e começa a se aproximar daquilo que supomos ser a viagem derradeira - digo supomos porque quem sabe se depois dessa ainda não haverá outras viagens, outras passagens? - começa a haver uma necessidade de passar as coisas a limpo, de pegar o rascunho da vida e dar-lhe forma e essência, conteúdo e continente, aparar os excessos, enxertar sentido naquilo que ficou vago, preencher as lacunas. Isso, penso eu, é uma tarefa feita mais para nós mesmos do que para os outros.

A experiência do internato é comum a pessoas da minha idade, aquelas que nasceram perto do ano de 1950. Naquela época, era bastante comum colocar os filhos internos em colégios, e isso tem

gerado não só um grande número de textos com o subtítulo que este mesmo ostenta - Memórias do Internato - como também serviram de farto manancial de neuroses e carências psicológicas, engordando as contas bancárias de muitos profissionais da psicologia e psicoterapia.

Ninguém passa incólume pelo internato. A separação da família, a convivência forçada com outras crianças, a habitação coletiva, a roupa padronizada, as diversões brutais e a crueldade de colegas e professores: tudo isso foi vivido por muita gente e virou matéria literária, de Rachel de Queiroz a Raul Pompéia, passando por Pedro Nava.

Escrevendo agora o que se passou comigo naqueles dois anos, que foram de janeiro de 1956 a dezembro de 1957, compreendi coisas da minha vida que até então não havia entendido. Refiz essa fase fundamental na minha formação e percebi de maneira muito clara porque certas coisas foram de um jeito e não de outro na minha trajetória.

Muitos que irão ler este texto, sobretudo pessoas ligadas às situações e personagens aqui descritas, podem achar que sou dura. Não sou dura. Duros foram os fatos. Não estou escrevendo para agradar ninguém. Escrevo para acertar as contas comigo mesma, para entender minha vida, meu passado, e para ficar em paz no presente.

Pedro Nava diz, no “Beira-Mar”, que poderia escrever sem remorsos o que escreveu sobre alguns parentes. E continua: “... para mim, eles perdem o caráter de criaturas humanas no momento em que começo a *escrevê-los*. Nessa hora eles viram *personagens* e criação minha. Passam a me pertencer como pertenci a eles no preciso instante em que me humilharam, ofenderam e fizeram sofrer minha infância”.

Neste relato, tudo é verdade. Ou melhor: é verdade tal como eu me lembro dela, que pode ser diferente da verdade lembrada por outra pessoa, que também viveu ou presenciou esses acontecimentos. No que me toca, fui rigorosamente fiel às minhas lembranças. Não fantasiei, não inventei, não encobri. E, sem remorsos e agora também sem mágoa, conto tudo.

## OS PREPARATIVOS

Corria o ano de 1955 e minha família morava em Campina Grande, na rua Solón de Lucena, nº 179. A rua era sossegada, estreita, residencial. Numa esquina havia a mercearia, na outra a vacaria de Seu Arnaldo, onde todas as manhãs íamos buscar o leite que chegava em casa ainda morno, colhido na hora aos pés da vaca. De um lado da rua, casas simples como a nossa, coladas umas às outras, sem varanda ou jardim, a porta da frente abrindo direto na calçada; do outro lado, algumas casas um pouco melhores, com jardinzinho e varanda, em uma das quais morava nossa tia Emília, irmã de meu avô Pedro, pai de mamãe.

A nossa casa tinha uma porta e uma janela na frente que abriam para a rua. Entrava-se direto para a pequena sala, que ocupava toda a largura

da casa. Para a sala abriam, de frente para a porta de entrada, a porta do corredor; e ao lado a porta do primeiro quarto. O corredor levava à sala de jantar, e para ele abriam duas portas: outra porta do primeiro quarto, e a do segundo quarto.

A sala era mobiliada com simplicidade: quatro cadeiras, dessas simples, que na hora da refeição eram levadas para a mesa na sala de jantar; e uma mesinha sobre a qual se colocava o rádio. Havia ainda a “preguiçosa”, uma espreguiçadeira com seu pano de lona listrada e a estante com os livros de papai, uma estante de duas portas, que deslizavam uma sobre a outra, tendo vidro na parte superior. Na parede, um quadro de Jesus no Jardim das Oliveiras, com rosto de sofrimento, o corpo contorcido como a olhar a lua ferruginosa que se escondia entre as nuvens, gravura comum que havia em quase todas as casas daquele tempo.

Nos quartos, apenas camas, e redes enroladas pendentes dos armadores durante o dia. Não havia guarda-roupa, e a roupa era guardada em malas e caixas. A cama-de-casal no primeiro quarto, duas camas de solteiro e uma rede no segundo quarto. Armadores no corredor supriam uma rede extra para uma visita ou pessoa da família que viesse passar alguns dias, o que era comum e frequente. Na sala de jantar, a mesa, e um armário baixo com duas portas e prateleiras internas, onde se

guardava louça e a comida. Na parede, um pequeno étagere com um relógio despertador. O lavatório, com a bacia de ágata para lavar as mãos. Não me lembro como era o banheiro mas a casa não tinha água encanada. Nós, crianças, tomávamos banho numa grande bacia cheia de água morna, colocada no meio da cozinha.

Na cozinha, um fogão de barro, com suas bocas vermelhas, o depósito de carvão a um canto, o pote de barro com a água de beber e o caneco para tirar água de dentro dele, e uma mesa firme para o engomado que também era usada para preparar a comida. Geladeira, televisão, telefone, liquidificador, nada disso existia nesses tempos, nem lá em casa nem na vizinhança.

O quintal dessa casa era uma delícia, com várias árvores: goiabeira, mamoeiro, um pé de eucalipto enorme, e – maravilha das maravilhas – um pé de algodão, que anualmente se cobria de capuchos alvos e macios. A casa era, como se chamava naquele tempo, “conjugada”, o que significa que compartilhava as paredes laterais com as casas vizinhas.

Papai devia ter, nessa época, seus 42 anos. Era um homem pequeno, com 1m60 de altura, de testa alta, muito vermelho, com os cabelos muito pretos e lisos penteados para trás nos quais ele

passava um produto chamado “Óleo de Ovo”. Usava sempre terno, creme ou branco, camisa branca e gravata, sapatos pretos ou marrons. O terno era engomado e tinha “ampuletas” ou ombreiras acolchoadas nos ombros. Usava um bigode fino, o rosto escanhado, não usava chapéu porque não gostava. Também não usava cinturão e sim suspensórios. Trabalhava em empregos esporádicos, em jornal, em escritórios, mas não tinha nada fixo, o que era sempre motivo de conversas preocupadas entre os membros adultos da família. Éramos pobres. Não tínhamos muitas roupas, nem móveis, nem jóias, nem enfeites na casa, mas comíamos bem e sempre havia cobertores para nos aquecer no frio inverno de Campina Grande.

Mamãe estava com 34 anos e era um pouco mais alta do que papai, magra e elegante, com um belo cabelo preto e liso. Sem ser especialmente bonita, tinha uma presença marcante e atraente. Gostava de vestidos estampados, batons vermelhos e era uma mulher forte e corajosa, de opiniões firmes, e respeitada na vizinhança. Além de mim, com sete anos<sup>1</sup>, havia meu irmão Braulio,

---

<sup>1</sup> Nasci em 14 de dezembro de 1947. Por isso, durante todo o ano de 1955 eu tinha sete anos, completando oito anos somente no fim do ano. Esclareço isso porque eu mesma me confundo com as datas sempre que vou escrever sobre minha vida.

com cinco anos e Pedro com apenas um ano e meio de idade, a quem ela ainda amamentava.

Meus pais demoraram a ter filhos, depois que casaram. Havia uma explicação médica para o fato, diagnosticada anos depois, uma condição anatômica do útero que dificultava a concepção; foi o que os médicos disseram sobre o fato de que meus pais casaram e passaram seis anos e meio para que viesse a nascer a primeira filha, que fui eu, em dezembro de 1947. Por causa disso, mesmo numa época em que não havia pílula anticoncepcional, mamãe conseguia espaçar os filhos com três a cinco anos entre cada um.

Conosco morava uma irmã de mamãe, minha tia Adiza, solteira, que devia ter aí seus 40 anos, empregada numa firma comercial na rua João Pessoa onde auxiliava e era pessoa de confiança do dono da firma e do contador. Morava conosco desde antes do nascimento de Braulio, e tinha por ele uma predileção de tia amorosa e dedicada, quase de mãe.

Em dezembro de 1955, completei oito anos de idade. E comecei a ouvir entre os adultos, conversas que me deixaram atenta pois diziam respeito à minha pessoa. Eu ia para o colégio interno.

Os preparativos da minha ida para o internato devem ter começado bem antes de eu ter tomado conhecimento deles. Os adultos cochichavam na cozinha, Mamãe falava com titia, papai falava com mamãe e os três debatiam em segredo. Eu sabia que tinha a ver comigo, mas não sabia o que era. Cartas eram enviadas e recebidas - eram cartas para a minha tia Cândida, irmã de papai, que era professora lá no internato e para onde já haviam ido outras sobrinhas, primas minhas, todas do lado dos Tavares, da família de papai. Depois de muitas conversas em surdina, das quais eu só ouvia frases esparsas, fui informada de que iria para um colégio ótimo, o colégio de Bom Conselho, em Pernambuco, onde ficaria interna durante todo o ano, vindo para casa somente nas festas do Natal.

Eu tinha apenas oito anos e não entendi direito o alcance da coisa. Internato era uma palavra vaga, sem muito significado prático, mas que me soava a castigo pois mamãe dizia sempre: se você não se comportar eu lhe coloco no colégio interno. Então era isso que eu pensava a respeito, quando vi os preparativos, agora escancarados, se encaminhando para a concretização.

Começaram a chegar as listas de roupas: os dois conjuntos de farda compostos de saia azul e blusa branca de mangas compridas. Os sapatos

pretos estilo “baronesa” de rosto redondo e pulseira abotoada na frente, o conjunto da farda de gala, com saia de tecido em tropical azul e blusa de mangas compridas em modelo diferente da outra, duas combinações, calcinhas, camisolas de flanela de mangas compridas e barra até os pés, lençóis, colcha, toalha de banho e rosto, um saco para roupa suja, seis lenços, talco, sabonete, escova de dente e pasta. Cadernos e livros correspondentes à série que eu iria fazer, que era a terceira série primária, que era assim que se estruturava o ensino naquele tempo. Lápis, estojo, borracha e régua. Copo de plástico, prato raso, prato fundo e de sobremesa, xícara e pires, talher, guardanapo e porta guardanapo. Véu para cobrir a cabeça, livro de missa chamado “adoremus” e um terço.

Nunca esqueci da arrumação da mala, do sabonete Un Joyeux, do talco Bourbon, e do cuidado com que titia dispôs todos esses tesouros na mala, uma mala nova, somente minha. Eu nunca havia tido tanta coisa na minha vida, e contemplei maravilhada aqueles objetos, sentindo-me especial e pela primeira vez dona de coisas somente minhas e que somente eu iria usar.

No outro dia, de madrugada, acordamos ainda com escuro para apanhar o trem de Campina Grande a Garanhuns, passando por Recife. Em

Garanhuns, apanhava-se uma condução, não sei qual era, até a cidade de Bom Conselho, a 40 quilômetros de Garanhuns.

Papai foi me deixar. Ao chegar ao colégio, sentamos juntos numa dependência onde os pais eram recebidos, não podendo eles passarem dali. Era o “parlatório”, com suas cadeiras escuras e formais, e os retratos dos santos nas paredes. Fiquei de pé, a mala ao lado, agarrada a papai. Ele, muito emocionado, falou com aquela voz rouca dele:

- Vá, vá com a irmã. No fim do ano, Papai vem lhe buscar.

E eu fui com a irmã.

Nessa minha primeira noite sozinha, Já de camisola, depois que a freira me ensinou a forrar a cama, a dispor o lençol por baixo da colcha e a me meter debaixo dele sem desenfiá-lo de debaixo do colchão, eu sentei na cama e comecei a conversar, em voz alta, muito simpática com todas aquelas meninas e moças que me olhavam de forma curiosa e complacente. Quando parei, me disseram que era proibido conversar ali e que todas tinham que fazer os preparativos para o sono e se deitarem em absoluto silêncio. Era proibido falar

no dormitório. Então eu me calei, enfiei-me debaixo da coberta e me preparei para a primeira noite longe da minha família. Criança, sozinha, nessa noite pensei que ia sofrer mas dormi imediatamente, estafada da viagem. As lágrimas, essas seriam choradas no decorrer dos dois anos que ali passei.



Rua Solón de Lucena, foto atual.



A nossa casa ficava onde está essa garagem com parede amarela. Mas era igual à ultima casa à direita, de porta e janela.



Jesus no Horto. Em quase toda casa havia um quadro como esse.



Guardávamos nossas roupas em malas assim. No segundo quarto havia uma grande, de madeira, e sobre ela malas menores e caixas de papelão.



Era assim que se passava roupa naquele tempo. Enchia-se o ferro de brasas retiradas do fogão, abanava-se por essa abertura trás e passava-se sobre a roupa.



O fogão a carvão.



Meus pais: Nilo Tavares e Cleuza Santa Cruz Tavares, na época em que fui para o internato.

## DISCIPLINA, FOME E PANCADAS

As terras onde se localiza o município de Bom Conselho, em Pernambuco, foram inicialmente habitadas pelas tribos Xucuru e Fulni-ô. Em 1630, no período da invasão holandesa, organizou-se na localidade uma comunidade de negros chamada de Quilombo de Pedro Papacaça. O nome se referia à estratégia utilizada pelos habitantes de se esconderem nas matas, cultivando mais a caça do que a agricultura. Em 1645, a comunidade foi desmantelada por uma expedição militar holandesa chefiada por Blaer Reijmbac. Mas o nome Papacaça ficou.

Em 1712, a família Vilela, de Portugal, adquiriu essas terras e deu início à organização da

fazenda Papacaça. Em 1853 quatro casais de abastados fazendeiros locais assinaram em conjunto uma escritura particular de venda e doação de um pequeno trecho de terra para a formação do terreno onde seria construído o Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho.

Este educandário foi o primeiro de grande porte construído no Nordeste para a educação de moças. É célebre a frase do seu fundador, o capuchinho Frei Caetano de Messina: “Educando-se uma menina, educa-se uma mãe; educando-se uma mãe, transforma-se uma sociedade.” O Colégio é dirigido até hoje pelas freiras franciscanas da Congregação de Frei Caetano de Messina; essas freiras foram e ainda são responsáveis diretas pela formação intelectual e base educacional de inúmeras gerações que por ali passaram.

A partir de 1860 a povoação passou a denominar-se Bom Conselho tomando o nome do colégio, que já era conhecido mais do que a pequena vila. O povoado crescia e em 1887 transformou-se em freguesia consagrado à Sagrada Família. Em 1892, Bom Conselho tornou-se município autônomo, e seu primeiro governo municipal foi empossado em 28 de dezembro do mesmo ano, data em que ocorre anualmente a festa de emancipação da cidade.

Administrativamente, o município é formado pelos distritos sede, Barra do Brejo, Caldeirões, Lagoa de São José, Igreja Nova, Rainha Isabel e Cachoeira do Pinto. Localiza-se na região Agreste do estado de Pernambuco, 40 km ao Sul depois de Garanhuns e quase nos limites do estado de Alagoas.

A rotina do internato era espartana. Acordávamos às cinco e meia da manhã, com a freira encarregada do dormitório já toda arrumada e paramentada com suas vestes, que deixavam apenas as mãos e o rosto de fora, a tocar uma sineta alta e estridente. Todo mundo em silêncio, não se ouvia uma só palavra: era levantar, forrar a cama, ir para o lavatório escovar os dentes, lavar o rosto, voltar para junto da cama e vestir a farda. Junto de cada cama havia um pequeno armário com nossos pertences. O armário era mínimo, e as minhas posses eram tão poucos, mas era mais do que tinha tido até então; eu me considerava quase rica e nunca pensei em ter mais do que cabia ali dentro.

Camas feitas, fardas envergadas, meias e sapatos calçados, cabelos penteados, era composta a “forma”, que era a fila em coluna por dois, das menores para as maiores. Eu sempre estava na frente, por ser uma das mais jovens e menores. Acompanhávamos então a freira à

capela, para a missa, onde também recebíamos a comunhão. Nessa época a comunhão tinha que ser recebida com o estômago absolutamente vazio. Os cuidados ao escovar os dentes eram para mim fonte perpétua de terror, com medo de engolir qualquer gota de água.

Depois da missa, que terminava às seis, íamos aos banheiros para o banho. Um galpão, com uns vinte cubículos, um chuveiro em cada um, dez de cada lado, e um banco comprido correndo longitudinalmente por todo o espaço entre as fileiras de banheiros, onde colocávamos os sapatos e as meias e, com toalha e sabonete na mão, entrávamos vestidas nos banheiros, mesmo as pequenas como eu. A água era gelada, pois a cidade de Bom Conselho se encontra em cima de uma serra, com seus 800 metros de altitude. O frio era terrível, e eu simplesmente não tinha coragem de entrar de corpo inteiro debaixo daquela torrente gélida.

Descobri então como me livrar do banho: molhava a cabeça e os pés, saía do banheiro enxugando o cabelo e pronto. A pudicícia das freiras não permitia que vissem qualquer corpo despido, nem o próprio. Contava-se que elas tomavam banho envoltas num camisolão. Ver o corpo de outra pessoa, mesmo que fosse uma criança, nem pensar!

Foi assim que fiquei meses sem tomar banho direito e quando vim para casa pela primeira vez mamãe notou que havia algo errado com minha pele. Pensando que fosse uma doença, pediu a papai para marcar uma consulta no médico logo no outro dia, mas quando foi me banhar viu o que era: sujeira entranhada, por descuido de quem deveria cuidar de mim.

Por isso, por causa dessa pudícia das freiras, nós, principalmente as pequenas, que não tinham noções de higiene como as meninas maiores, vivíamos sujas, tínhamos piolhos e sabe-se lá o que mais.

Depois do banho íamos todas para o refeitório onde às sete horas era servido o café: um pão francês, uma fatia de xerém de milho frio, e café. Não havia leite. Não se podia conversar no refeitório, a não ser que a freira liberasse. Sentávamos, e ficávamos esperando. Se a Madre não dissesse nada, ficávamos caladas. Mas havia dias em que ela dizia com sua voz de cristal :

- Mater Boni Consilii!

E nós:

- Ora pro nobis!

Aquilo era a senha para começássemos a falar e conversar que nem um bando de maracanãs.

Eram vinte minutos para a refeição. Quem não comesse, perdia a comida, e as maiores e mais sabidas saíam recolhendo o pão que as pequenas não tinham comido todo e enfiando em bolsos que havia na lateral e por baixo da saia, e que eram feitos depois, não faziam parte da farda.

Do refeitório, novamente na forma e em silêncio, íamos para a aula, iniciada às sete e meia, para quem estudava de manhã, ou para o “estudo” no salão, quem tinha aulas à tarde. As classes tinham também a frequência de alunas externas e era assim que sabíamos o que se passava na cidade. As maiores mandavam bilhetes para os namorados, sempre muito fiscalizadas pelas freiras e nós, as menores, apenas ouvíamos as conversas e imaginávamos.

As matérias eram as comuns: Português, História, Geografia, Matemática. Religião também era matéria obrigatória. Para quem ficava no salão, que era uma grande sala de teto alto na parte principal do colégio, com uma escada dupla de acesso aos dormitórios, era a hora de fazer o dever de casa e de aprender trabalhos manuais,

geralmente ponto de cruz, ou para as leituras, sempre leituras pias, de vidas de santos.

Havia o lanche no refeitório às nove e meia onde entrávamos formadas e disciplinadas. O lanche era uma ou duas bananas; e depois um pequeno recreio. Voltava-se à sala de aula ou ao salão, para ir novamente ao refeitório às onze e meia para o almoço. Feijão, arroz, farinha, carne assada ou guisada, e banana de sobremesa. Era proibido pegar na fruta com a mão; logo aprendi a descascar a banana com o garfo e a faca, arte na qual sou exímia até hoje.

Após o almoço, descíamos todas para o galpão, que era uma extensa área coberta no centro de uma construção comprida que abrigava em um dos seus extremos as salas de aula e na outra os banheiros e a lavanderia. Atrás dela ficava a horta e o cemitério das freiras, mas era proibido ir até lá e nunca, em dois anos de internato, eu pisei naqueles terrenos. Mesmo tendo permanecido no colégio por dois anos completos, nunca o conheci por inteiro pois era grande e havia muitos aposentos proibidos às alunas. Medrosa, nunca tive coragem de me aventurar por eles.

O recreio depois do almoço durava até uma e meia. Brincávamos de tudo o que é brincadeira

agitada: de toca, de baleado, de roda, de muitos tipos de jogos de bola, dançávamos umas com as outras e jogávamos baralho.

Quando acabava esse recreio, invertia-se o programa da manhã: quem tivera estudo no salão ia para a aula, e vice-versa. Havia também à tarde um intervalo igual ao da manhã para a costureira banana no lanche e pequeno recreio. As cinco e meia da tarde, a aula terminava e em forma íamos para a capela, para o terço e a bênção do Santíssimo. Não me lembro se o capelão residia no colégio. Penso que não, pois, mesmo capelão, era homem, e isso seria considerado um absurdo; sei que ele estava todo dia de manhã para a missa, à tarde para a bênção e em alguns dias específicos para a confissão.

Ao terminar a bênção, íamos ao refeitório para o jantar, onde comíamos sopa ou xerém com leite. Havia também café, fraco, ralo, muito doce, pegando fogo, e pão com manteiga. Dali, novamente ao galpão para o recreio da noite e às sete e meia a freira tocava o sino: cama!

- Ai, irmãzinha, deixa a gente ficar mais um pouquinho!

E se ela tivesse de bom humor, brincávamos mais por dez ou quinze minutos.

Formávamos, subíamos a escadaria para o dormitório atravessando o salão na penumbra e nos preparávamos para dormir. Entrávamos debaixo do lençol para tirar a roupa e vestir as camisolas, de mangas compridas e arrastando no chão. Cada uma fazia em silêncio suas orações, a freira apagava a luz, e apenas uma candeia iluminava uma imagem da Virgem do Bom Conselho sobre a porta principal do dormitório.

A capacidade de adaptação do ser humano é uma coisa espantosa, principalmente das crianças. Penso que com poucos dias eu já estava acostumada a esta rotina, tão diferente da vida semi-anárquica que tínhamos em casa, onde as refeições obedeciam mais ou menos a um horário, e onde não era preciso acordar tão cedo.

Uma das primeiras sensações de que me lembro desses tempos no internato era a fome. Havia comida suficiente, mas era a mesma todo dia: o mesmo feijão, o mesmo arroz, o mesmo xerém e a mesma banana. Dia após dia, sem variedade. Ao entrar no refeitório para o lanche, quem entrava primeiro passava a senha para as outras que vinham atrás dizendo:

- Macaco!

Isso queria dizer que novamente a banana estaria sendo servida. As mais atrevidas, as maiores, reclamavam das freiras:

- Eu não sou macaco pra comer somente banana!

Mas era banana, banana, banana, dia após dia.

A banana era dessa de casca verde, que quando amadurece vai ficando amarela e cheia de pontos pretos. Minha mãe a chamava de “banana-anã”, muito embora ela fosse uma banana de tamanho grande; depois eu descobri que o termo “anã” se referia ao tamanho da bananeira, e não do seu fruto. Ainda gosto dessa banana. Quando compro a fruta, é a minha espécie preferida, e ignoro a prata, a maçã, a leite, a pacovã, e qualquer outra que as gôndolas dos supermercados me ofereçam. E ainda sei comer bem direitinho de garfo e faca, como aprendi no internato.

Logo observei que algumas das internas recebiam banana frita em vez de banana crua. Por que? Que mistério era esse? Em alguns dias lá estava sobre o prato de uma ou de outra a banana frita, diferente, em vez do clássico “macaco” de todo dia. Perguntei aqui e ali mas ninguém me

disse, até que uma das meninas maiores informou que aquilo não era assunto para mim, mas que já que eu queria saber, a banana frita era para quem estivesse incomodada.

Fiquei na mesma, sem saber que incômodo era esse até que, com o passar do tempo e o aumento dos meus conhecimentos fui entender, ainda no internato, o que era a menstruação, e todos os eufemismos que se usavam para designar esse estado: incomodada, de boi, de pacote, de chico, naqueles dias. E que isso era uma desculpa muito eficiente para variar da banana crua para a banana frita. Ai, quem me dera! Eu teria, segundo minhas leituras e conversas, que esperar até os doze anos para ficar “moça” e ter direito à banana frita. Ainda ia demorar muito...

Comecei a notar também que algumas meninas tinham nos seus lugares no refeitório biscoitos, guloseimas ou doce de goiaba em lata da famosa marca Peixe, fabricada em Arcoverde-PE, para comer com a banana. Descobri que eram as famílias que deixavam os alimentos ali, para complementar o magro e monótono cardápio do colégio.

Aqui, é preciso explicar que o colégio atendia principalmente as famílias da região: da própria cidade de Bom Conselho, Garanhuns, e cidades

vizinhas, todas num raio de cerca de cem quilômetros. Por isso era fácil para essas meninas estarem sempre abastecidas de comida extra, uma vez que recebiam sempre a visita de familiares. Eu era a que morava mais longe. Pelas distâncias de hoje, Bom Conselho dista cerca de 300 km de Campina Grande, quase em linha reta, por estrada asfaltada, na direção sul, passando por Santa Cruz do Capibaribe, Caruaru e Garanhuns, uma viagem fácil e tranqüila de três a quatro horas de duração.

Naquela época, ia-se de trem de Campina Grande a Recife ou então tomava-se uma espécie de “ônibus” chamado “marinete”. De uma maneira ou de outra, a estrada passava por Itabaiana e a viagem durava seis a sete horas, cheia de solavancos e poeira, pois não havia asfalto. De Recife, era quase a mesma distância até Garanhuns, e desta cidade a Bom Conselho eram mais 40 quilômetros. E tudo em estrada de terra, ou trem. Era um dia todo de viagem, trocando de transporte.

Sendo assim, era impossível o “abastecimento” que eu via ser feito com as outras meninas. E como meus pais poderiam saber daquilo? Isso não havia sido mencionado na troca de cartas que houve antes de me mandarem para aquele lugar. E a minha tia, que lá vivia e

trabalhava, não parecia ter sensibilidade para esse tipo de coisa.

Minha tia, irmã do meu pai, chamava-se Maria Cândida Pereira Tavares. Nascida em 5 de maio de 1920, no Recife, onde meus avós paternos moravam, formou-se professora pela Escola Normal Pinto Junior, tendo se diplomado em 1938. Na época em que eu fui para Bom Conselho ela já devia ter 36 anos de idade, o que a caracterizava irremediavelmente, pelos costumes daquele tempo, como uma “moça velha”, significando que não havia mais possibilidade de que se casasse. Nunca ouvi falar de que ela tivesse tido namorado ou noivo. Suas duas irmãs, minhas tias Amelina e Luísa, se casaram e tiveram filhos. Mas sobre ela nunca ouvi nenhuma história relacionada a amor, paixão, romance, namoro ou noivado.

Lembro-me dela com o cabelo dividido em tranças que chegavam à cintura, uma de cada lado, descendo pela frente da blusa branca ou creme, de mangas pouco acima do cotovelo, estampada de flores miúdas ou de listinhas, completada por saia de lã ou tropical azul, cinza ou preta, cobrindo completamente os joelhos, como se usava na época. Meias grossas e sapatos confortáveis, de salto baixo, estilo mocassim, sendo que no verão não usava meias, deixando ver pernas fortes e não

depiladas. Não usava nenhum tipo de jóia ou enfeite, não se pintava, não usava qualquer adorno e no seu rosto moreno claríssimo o buço fazia uma sombra leve sobre os lábios finos.

Nos dias de festa usava um vestido azul escuro, com nervuras na frente da blusa e gola de renda ou de tecido branco completado por um bico. Muito piedosa, quando ia à igreja cobria a cabeça com uma linda mantilha preta de renda e conduzia um terço feito de contas de vidro, pesado e muito bonito ao lado de um adoremus precioso, com capa de couro com um símbolo gravado em dourado, e tendo dourado também nas beiradas das folhas.

Nunca consegui entender o que essa tia sentia por mim. Tratava-me com muita dureza, exigia de mim sempre a perfeição nas notas e em tudo o mais e ficava completamente desnorteada quando eu não fazia o que ela queria, quando não dizia o que ela mandava, ou quando fazia algo considerado “errado”. Chamava-me então ao seu quarto, que ficava no extremo do dormitório.

Entrando ali, eu sabia que tinha que deixar toda a esperança do lado de fora, como se entrasse no inferno de Dante. Ela abria o guarda-roupa, tirava a escova de limpar sapatos e me aplicava na palma das mãos os “bolos”

regulamentares, que podiam ser meia dúzia em cada mão, ou uma dúzia em cada mão, dependendo da gravidade da falta.

Uma vez, ela saiu do sério e me bateu de verdade, na passagem do corredor do refeitório para o pátio, onde havia uma escadaria com vários degraus. Entre bofetões, beliscões e puxões de orelha, eu caí pelos degraus abaixo e fiquei toda machucada. Ela me deixou ali chorando e foi embora furiosa. A freira da cozinha, irmã Sara, atraída pelo barulho, foi quem me acolheu e consolou.

O que eu fiz? Não me lembro. Mas que crime terrível uma criança de oito anos podia cometer para ser espancada desse jeito? Eu reconheço que era uma menina difícil, mas somente por ser infeliz e tímida; ainda por cima, lia muito, tinha uma compreensão muito grande das coisas, muito acima da minha idade, e raciocinava nesse nível. Por isso fazia perguntas inadequadas, não me conformava com explicações do tipo “é assim porque é assim” ou “você não tem idade para saber disso” ou “foi Jesus quem disse”.

Ela tinha comigo raros gestos de carinho, mas mesmo assim havia sempre um laivo de ironia ou deboche, como se estivesse rindo de mim por dentro. E, positivamente, não tinha habilidade para

lidar com crianças. Não era doce, nem carinhosa, e nem de longe maternal. Talvez por isso, muitos anos depois, quando eu já adulta tomava conhecimento das dificuldades dela, das doenças, dos problemas de dinheiro, nunca consegui sentir a seu respeito nenhum pingo de emoção ou de piedade. Só me lembrava dos murros, dos bolos, dos olhares irônicos.

Depois de uns anos, talvez por ter se aposentado, ela deixou o colégio e veio morar com minha avó no Recife. Não sei se voltou a lecionar, se tinha algum emprego, mas me lembro dela já idosa, com as tranças grisalhando, cuidando com desvelo filial da mãe. Isso não posso negar: nunca vi filha mais dedicada, cuidando da mãe velha e doente. Guardo cartas suas para mamãe e papai, dando notícias, fazendo piadas e sempre, sempre pedindo dinheiro. Quando Mamãe via o envelope já dizia:

- É de Cândida, e deve ser pedindo dinheiro...

Depois que minha avó morreu, ela ficou sozinha, e foi morar com uma pessoa que tomava conta dela, até que faleceu, no final da década de 1990, aí com seus 80 anos de idade.

Somente para completar o capítulo da “fome” que todas sentíamos, entre o bloco do refeitório e

o galpão do recreio havia um imenso pé de juá. Eram o nosso deleite, os juás amarelinhos, cuja polpa envolta em uma espécie de mucilagem guardava um pequeno caroço no interior. Saíamos do refeitório e íamos para debaixo do pé de juá, verde e carregado o ano inteiro, apanhar as frutinhas do chão para comê-las.

Muitas vezes, depois de pegar um bem grande, vinha uma menina maior e o arrebatava da minha mão. Cedo aprendi que não adiantava chorar, que o negócio era ir à forra, e que quanto mais fraco você é mais lhe pisam e mais lhe fazem de tolo. Não sei que tipo de qualidades ou defeitos essas coisas desenvolveram em mim, mas garanto que nunca fui páreo fácil para ninguém.

Havia ainda uma pessoa, não lembro quem, que vendia uns doces feitos de rapadura, um tipo de puxa-puxa, em forma de cinco pequenos bastões presos em um papel. Então, comprava-se “um papel de puxa” por... por quanto, meu Deus? Qual era a moeda daquela época? Quinhentos réis, que era a metade de “destões”, ou “dez tostões” ou “um mil réis”.

Isso hoje não faz mais o menor sentido mas penso que o que se comprava na época com quinhentos réis compra-se com cinqüenta centavos hoje. Minha tia me dava dinheiro, aos pouquinhos,

moedinhas de baixo valor. Penso que meu pai deixava algum dinheiro com ela, que ela dividia e ia me dando aos poucos.

Éramos famintas. Vivíamos famintas. Mesmo assim, penso que por causa da regularidade da rotina, das brincadeiras e da atividade física nenhuma de nós era magra ou desnutrida. Talvez as quantidades fossem suficientes e bastantes; talvez a comida fosse saudável e nutritiva; o que nos mantinha em estado permanente de carência alimentar era a monotonia que éramos obrigadas a aturar, de pão, café, banana, feijão, carne, farinha, xerém de milho e leite. Pronto. Somente isso, dia após dia, mês após mês. Mas havia uma exceção. O domingo.

No domingo o café da manhã tinha algo diferente, que eu não lembro o que era, mas era diferente; e o almoço não tinha feijão sendo o prato principal um macarrão da grossura de um lápis, desse tipo de macarrão que tem um furo no meio, galinha com muito molho e farofa. Isso mesmo: macarrão com galinha e farofa, combinação inusitada que depois descobri como sendo considerada de “bom-gosto” na região.

Também havia mudanças na rotina no sábado e no domingo. No sábado a disciplina era mais elástica. Penso que não era obrigatória a

frequência à missa, e acordávamos mais tarde. O café era servido mais tarde, e nesse dia podíamos usar os sapatos sem as meias e dobrar até os cotovelos as mangas das blusas. Também não éramos obrigadas a usar a gravatinha, e podíamos abrir o botão superior da blusa. Era dia de trocar os lençóis das camas, o que fazíamos durante a manhã, supervisionadas pelas freiras. Arrumávamos os armários, guardávamos a roupa limpa trazida da lavanderia e, organizávamos livros, cadernos e objetos. Podíamos tomar banho mais tarde e deve ter sido isso que me fez escapar do estado de sujeira total.

Algumas das meninas tinham funções especiais, indo ajudar as freiras em tarefas variadas. Eu sempre era levada para arrumar as flores e os objetos do altar com a freira encarregada daquilo. Algumas iam à capela para a confissão, uma “boa confissão”, como recomendava o capelão, que ouvia todos os nossos pecados, para fazer uma “boa comunhão” no domingo. Não sei porque, mas a comunhão do domingo parecia ser mais importante do que a comunhão dos outros dias da semana.

Na manhã de sábado o recreio era livre. Brincávamos, corríamos, jogávamos todo tipo de jogos de bola, e era o dia onde havia os jogos de voleibol, apitados pela minha tia Cândida, que

também se encarregava da parte desportiva do currículo da escola. Formavam-se os times, mas somente jogavam as meninas maiores. As pequenas, como eu, ficavam loucas para jogar e vez por outra colocavam uma de nós no saque, que geralmente não ia além do meio da nossa própria quadra; debaixo então de respeitável vaia éramos reconduzidas, cobertas de vergonha, à nossa qualidade de simples assistentes.

No sábado o dia inteiro era de diversão, brincadeiras, correrias, jogos, algum estudo, e arrumação do colégio e principalmente da capela para a missa de domingo, que sempre contava com grande freqüência da população da cidade.

Aos domingos, ao entrar na capela para a missa, o clima era sempre festivo. O altar tinha mais velas, as flores eram mais frescas. O coroinha usava o turíbulo balançando-o para lá e para cá e a fumaça do incenso se espalhava perfumada pela igreja inteira. Nossos pequenos e jovens espíritos se elevavam junto com a hóstia nas mãos do celebrante, enquanto nossas cabeças se abaixavam em reverência ao toque das campainhas: era pecado olhar para a hóstia, era quase como cometer o atrevimento de encarar Deus.

Eu me sentava no quarto banco, na extremidade perto do corredor central, o “meu”

lugar. Ali, ajoelhada, sentia o filó do véu engomado roçando no meu rosto, a tábua áspera sob os joelhos, o cheiro do incenso e a textura delicada dos santinhos debruados de dourado e guardados dentro do adoremus. Dali a pouco era a hora da comunhão, e comungavam primeiro as freiras, depois as internas e finalmente o povo em geral.

Saíamos dos bancos ordenadamente, nos enfileirávamos no centro da capela e íamos passo a passo até a mesa de comunhão, que era um balcão de madeira que separava o altar do local onde ficavam os fiéis. Ali, ajoelhávamos, e quando o sacerdote se aproximava com o cálice, o coroinha colocava na frente do nosso rosto, logo abaixo do queixo, a patena dourada. Estirávamos a língua, sobre a qual a hóstia era colocada. Boca fechada, olhos baixos, mãos postas, voltávamos pela lateral da capela para ocupar nosso lugar, de joelhos, em odor de santidade. A hóstia, grudenta e seca, ia se dissolvendo na boca aos poucos, enquanto as palavras *Ite missa est. Deo gratias.* eram ditas e respondidas. As pessoas se levantavam e o hino se elevava, cantado por todos, com o acompanhamento da serafina lá em cima, no coro. Lá fora, o café da manhã nos esperava.



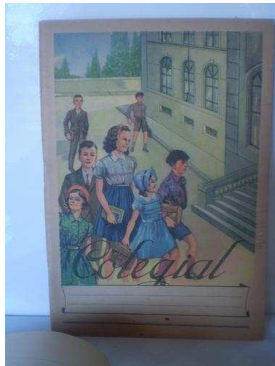
Bom Conselho-PE. Ao centro a Matriz da Sagrada Família.



O Colégio, vista aérea.



Banana-anã: único lanche e sobremesa durante dois anos.



Os cadernos escolares usados na época eram assim. O primeiro, para as meninas; o outro, para os meninos. Na contra-capa de ambos, o Hino Nacional Brasileiro.



Mapa mostrando Campina Grande, Recife e Bom Conselho assinalado com a letra A.



Minha tia Cândida aos 15 anos de idade, com as longas tranças que usaria a vida inteira.



Tia Cândida aos 18 anos, quando se formou no Curso Normal.



Ao lado da irmã, minha tia Luísa, na década de 1950 . É assim que me lembro dela na época do internato.



Juá.



Moeda de dez tostões, ou “destões”

# ARQUITETURA FRANCISCANA

A construção de um texto memorioso como este é muito traiçoeira, pois tem armadilhas. A gente começa a contar uma coisa do começo, tencionando seguir uma ordem temporal, mas são tantos os elementos que compõem o quadro que, na necessidade de falar sobre um, depois sobre o outro, corremos o risco de pegar uma vertente dessa e ir desfiando, contando, explicando, recordando e, quando a gente se dá conta, já está lá na frente, rompendo as cadeias do tempo e da cronologia. Aí, é preciso voltar e retomar de um ponto mais atrás, pegar outro novelo e ir desfiando. Ao leitor cabe juntar todos esses fios desenrolados na mesma trama original e dar-lhe cor, forma e vida que talvez sejam até diferentes da visão do autor, da visão de quem viveu, quem

sabe? É um risco que o memorialista corre e não há como fugir dele.

Então é preciso parar um pouco e descrever a arquitetura do prédio. Já naquela época o colégio era e continua sendo simples, dentro do modelo de pobreza franciscana, limpo, “clean”, minimalista, sem nenhum ornamento. Tudo é deixado para os altares: o ouro, as flores, as velas, os paramentos, os ricos bordados, tudo, tudo vai para a glória de Deus e seus santos.

A fachada do colégio era um bloco único, tendo ao centro a capela, com a porta central ladeada por duas portas mais baixas. Acima destas, no nível superior e correspondendo ao coro, duas janelas e um óculo a nível mais alto, tudo coroado por uma pequena sineira com dois sinos, com uma cruz simples acima dos sinos arrematando a fachada. A capela, de um barroco tardio delicado, pintada de branco, com detalhes azuis, tinha seu frontão em volutas terminado por uma cruz simples. Não havia torres. Estendendo-se para cada lado da capela a construção continuava com dois andares abertos em sete janelas em cima e sete embaixo.

Antigamente, todo o largo na frente do colégio era plantado com eucaliptos; no centro de um rudimento de praça, havia um monumento

sobre base de cimento. Hoje parece que não há mais o monumento: existe apenas um cruzeiro.

A capela tinha a nave toda pintada de branco com detalhes dourados. Os fundos dos nichos dos santos que a guarneciam eram pintados de azul, e o efeito final era muito suave e muito bonito, branco, azul e dourado, como convinha à mãe de Deus, Nossa Senhora, despertando nos fiéis unção e piedade. O altar-mor seguia o mesmo estilo, delicadamente ornamentado e encimado pela imagem de Nossa Senhora do Bom Conselho logo acima do sacrário dourado, com a chama rubra que indicava a presença do Santíssimo Sacramento sempre acesa.

Mais ou menos na metade da parede do lado esquerdo da capela passava-se à sacristia e daí um aposento mais comprido do que estreito, como um largo corredor, que se estendia paralelamente à capela, por fora desta. Nas paredes, quadros de santos e os quadros de formatura das normalistas, uma vez que a cada ano se formava uma turma e seu quadro era acrescentado aos já existentes. Esse corredor era um dos aposentos de melhor aspecto, e era usado para receber visitas ilustres. Nas paredes havia altos armários de madeira escura, bem envernizados, que serviam para guardar objetos, como os troféus ganhos pelo colégio em competições. Ao final dele, dobrando-

se à esquerda, seguia-se por um terraço, onde se podia ver, à direita, através de arcadas, o pátio com o grande pé de juá.

Depois de uns dez metros, deparava-se com uma larga porta à esquerda que, ultrapassada, marcava a metade do comprido e estreito refeitório. Bancos e mesas de alvenaria ao longo das paredes, onde cabiam de cinco a sete meninas em cada um, de forma que havia quatro mesas de frente para outras quatro na parede oposta. No lado mais estreito da sala, mesa semelhante acomodava freiras e professoras. O meu lugar era o primeiro à esquerda de quem entra, na ponta do banco. As meninas maiores sentavam-se mais perto de onde se sentavam as freiras. Disposição igual era adotada na metade direita da sala, com as alunas do orfanato. Ao fundo, na outra extremidade do comprido refeitório, era a larga porta que dava acesso à copa e à cozinha, por onde entravam as meninas que serviam às mesas com bandejas, jarros e bules. A copa e a cozinha estendiam-se na direção da frente do colégio, sendo paralelas ao corredor que saía da capela e formando um “L” com o refeitório. Sobre a copa e a cozinha, no andar superior, era o dormitório das órfãs e das freiras da cozinha, rouparias e outros aposentos. Das janelas do refeitório avistava-se um jardim interno, preenchendo o quadrado formado pelo corredor-refeitório-copa/cozinha e mais

outras dependências que davam janelas para a frente do colégio, compondo a fachada, mas que eu nunca consegui descobrir o que eram. Havia partes do colégio interditas às alunas, e penso que deveriam ser locais de estudo e leitura das freiras, local onde elas conversavam, liam, costuravam e bordavam sem usar – quem sabe? – aquela roupa complicada, completa e apertada que deveria ser um inferno nos meses de calor.

Voltando à porta de entrada do refeitório, agora saindo dele e voltando-se pelo corredor, com o pé de juá à esquerda e fazendo o caminho inverso, chegávamos a uma escadaria com vários degraus que levava a um caminho coberto, tendo à esquerda o imenso juazeiro, e à direita um espaço vazio sem qualquer planta ou construção, de terra batida, uma espécie de “terreiro”, onde brincávamos. Parte desse espaço, a que ficava mais distante do galpão, abaixo das janelas do salão, tinha uma quadra tosca de cimento, para as partidas de vôlei. Continuando em frente pelo caminho coberto, chegávamos ao grande galpão, que se estendia em quase toda a largura do colégio, onde passávamos a melhor parte dos nossos recreios.

Nesse galpão, cujo comprimento era umas três vezes a sua largura, havia bancos de cimento ao longo das paredes e as arcadas da parede

maior se abriam sobre os terrenos do fundo do colégio, onde havia árvores, arbustos, mato ralo, o pequeno rio que por ali passava e à direita o banheiro e o cemitério das freiras, além da horta. Nada se via da cidade e essa parte do galpão ficava a grande altura do terreno, uns quatro ou cinco metros, de modo que era muito difícil alguém escalar, ou pular para baixo.

Tendo às costas o colégio e à esquerda o juazeiro, na extremidade do mesmo lado eram as salas de aula, não me lembro quantas, e um banheiro. Na outra extremidade, o banheiro das internas e outras dependências com rouparias e lavanderias.

Se, ao sair da capela, não se tomasse à esquerda para o refeitório, mas se dobrasse à direita, iríamos chegar no salão de estudo, que era uma peça grande, arejada, com janelas que se abriam para a tosca quadra de vôlei. O salão tinha piso de madeira, largas tábuas corridas que deveriam estar ali desde a fundação do colégio, e abaixo dele era o porão; em frente às janelas que davam para a quadra, e de costas para elas, ficava o birô de irmã Maria da Purificação, sobre um estrado. Na parede oposta, outras janelas abriam para outro jardim interno porque o colégio era estruturado dessa forma: dois quadrados justapostos lado a lado, com jardins nos espaços

internos desses quadrados e a capela localizada na justaposição.

O salão tinha o pé direito alto, e era uma das partes do colégio que não tinha andar superior. Na face oposta à larga porta de entrada, havia uma escadaria de madeira majestosa, em dois lances, com o início do corrimão trabalhado e muito bem conservada, que levava ao dormitório das internas. Subíamos sempre pelo lance da direita. O salão era apainelado de madeira escura até cerca de um metro e meio de altura, e tudo era conservado limpo e brilhante.

O dormitório constituía o terceiro lado do “quadrado” da direita, e as camas eram da marca “Patente”, com colchão de palha, duros e fibrosos depois de alguns meses de uso. Numa das extremidades, sanitários e lavatórios; na outra, abrindo para um pequeno corredor, havia quatro quartinhos pequenos, dois de cada lado, divididos por tabiques de madeira. Um deles era ocupado por irmã Purificação, outro pela outra freira escalada para o dormitório, o terceiro pertencente à minha tia e o último quarto abrigava os sacos de roupa suja das alunas, pendurados em ordem, cada um com seu número. O meu número era 7, número que marcava toda a minha roupa e meus objetos.

Passando pelo pequeno corredor entre esses quartos e seguindo em frente dava-se com uma escada pequena e tortuosa. Descendo-a chegava-se no lado do quadrado que ficava rente à fachada, à direita de quem estivesse olhando do lado de fora do colégio. Era nesta ala, no andar térreo, que havia o parlatório, a sala de música, o gabinete da superiora. Todos esses aposentos abriam para o corredor onde estavam pendurados pinturas representando os frades capuchinhos já falecidos.

No primeiro andar, não era permitido ir em frente além da escada, pois havia uma porta sempre fechada que era a comunicação com a clausura das freiras, com as “celas” onde dormiam, e que se comunicava na outra extremidade com o coro da capela. Havia outros espaços, mas nunca tive coragem de me aventurar por eles. Isso é o que me lembro e corresponde quase que exatamente à realidade.

O colégio pouco mudou nos últimos cinquenta anos. O refeitório não tem mais os bancos de cimento chumbados à parede e sim mesas e cadeiras como em todo lugar onde se come. Quando o visitei em 2005 fui convidada para almoçar e comi muito melhor do que no passado: feijão, arroz, jerimum, bolinho de carne, carne assada e farofa de cuscuz. A sobremesa era sorvete, mas recusei, preferindo tomar o café fraco

e doce das recordações, fervente, arrancando o pedaço da língua e deixando o céu da boca cheio de estalactites membranosas.

No dormitório, não consegui localizar onde ficava a minha cama; fechei os olhos para olhar com a memória e vi as camas todas forradas de branco, cada uma com o seu pequeno armário ao lado e onde cabia toda a pouquíssima roupa que tínhamos autorização para usar. Ao abrir os olhos e voltar para ao presente, vi que as camas estavam forradas de qualquer jeito, com cobertas coloridas, e quem eram essas meninas de shorts, chinelas e blusinhas? Deus meu! Eram as internas, que há muito tinham sido liberadas da farda de mangas compridas que usávamos há cinquenta anos. E as freiras não usavam mais aquele hábito complicado, que deixava descoberto apenas o rosto e as mãos. Irmã Irene, de quem falarei adiante, recebeu-me e andou comigo o colégio inteiro, com um vestido azul de mangas até os cotovelos. Irmã Sara, a bondosa irmã Sara, ainda usava hábito. Penso que não se acostumou com o novo figurino.

Muitas salas de aula foram acrescentadas; o velho juazeiro deu lugar a uma quadra de esportes moderna, novinha em folha, e no lugar da quadra velha estavam construindo uma grande dependência, parecida com um salão de jogos. O majestoso salão perdeu uma das metades, que foi

preenchida com salas de aula e a imponente escada ainda existe, mas reduzida somente a um lance. Mas ainda permanecem como naquele tempo o parlatório, a sala de música como o mesmíssimo piano – acrescentaram uma bateria! – o corredor com os retratos dos capuchinhos e a clausura das freiras, talvez a parte mais antiga do colégio, na qual pude entrar, com a sensação irretorquível de que estava cometendo um pecado mortal.



Fachada do colégio. Foto de 2005.



Capela, altar-mor.



O parlatório.



As “celas” das freiras. Território proibido quando eu era criança. Hoje, a gente entra, fotografa, ninguém se importa.



O confessionário, o mesmo de cinquenta anos atrás, onde deixei meus pecados de criança.



Com irmã Hosana, em 2005; ela ainda se lembrava de mim.



Com irmã Sara, em 2005. A bondosa irmã Sara, a vida inteira na cozinha e na copa, servindo.  
Bendita seja!



Assim era o colégio, na década de 1950.

## INTERNAS E ÓRFÃS

Missionários como o Padre Gabriel Malagrida no século XVIII, no Piauí, Paraíba e Pernambuco; o Frei Caetano de Messina em Pernambuco e o Padre Ibiapina na Paraíba, ambos no século XIX, adotaram como missão a tarefa de fundar colégios para abrigar e educar moças pobres, para que não caíssem na prostituição. Educando-as, elas poderiam fazer um bom casamento, ou ensinar nas escolas que iam pouco a pouco sendo fundadas nas pequenas vilas nordestinas. Aprendiam os serviços domésticos, como lavar, passar, cozinhar, costura, bordar, e recebiam uma instrução básica, mas rudimentar: ler, escrever e fazer as quatro operações eram o bastante para uma moça pobre.

O Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho foi criado dentro desta filosofia e inicialmente abrigava órfãs, moças pobres, sem outra perspectiva de vida. Com as dificuldades de manutenção, que era feita a partir de doações, foi transformado em Escola Normal, com seu curso de formação de magistério regulamentado e reconhecido pelas autoridades e admitindo alunas pagas. No entanto, conservava ainda a tradição de abrigar as órfãs. Então, em 1956, o Colégio chamava-se Escola Normal Regional Nossa Senhora do Bom Conselho e abrigava cerca de cem meninas e moças, de 8 a 18 anos, sendo que a metade era pagante, as chamadas “internas”, e as outras, reconhecidamente pobres, eram as “órfãs”. Havia então uma linha divisória muito nítida entre os dois grupos, uma linha que determinava status, posição, importância. As freiras diziam que éramos todas iguais, mas não éramos: e todas nós, pensionistas e órfãs, sabíamos disso.

Desde o início aprendíamos cada uma qual era o nosso lugar. Para começar, os ambientes físicos eram separados. As internas sentavam em lugar diferente na capela, no refeitório e tinham dormitórios diferentes. As órfãs não usavam farda, mas roupinhas comuns, vestidinhos humildes de tecido barato e alpercatas rústicas. Tinham fardas sim, mas usavam-na apenas em ocasiões especiais. Muitas delas não eram órfãs, tinham pais, mas a

extrema pobreza fazia com que fossem aceitas no colégio. Eu não sei qual era o mecanismo; mas muitas vezes, nas missas de domingo, vi as mães acenando para as filhas, enquanto elas se dirigiam ao seu lugar na capela. Também era tarefa das órfãs o trabalho de varrer, arrumar, cozinhar, limpar, lavar e servir as mesas, de forma que o colégio não precisava contratar empregados. Havia a obediência a uma escala de trabalho, onde elas se revezavam na cozinha, na copa, na lavanderia, na rouparia, na costura, na horta. Nós, internas, não tínhamos nenhuma obrigação nesse sentido, a não ser a de fazer nossa própria cama quando acordássemos.

Internas e órfãs se misturavam na hora do recreio e durante as aulas. Fora disso, era cada macaco no seu galho, e elas não estudavam no grande salão, como nós. Enquanto não estavam na aula, estavam trabalhando, e as tarefas não poupavam nem as pequeninas, como uma certa Vanilde, moreninha de olhos sempre tristes, do meu tamanho, que passava vergada ao peso de grandes baldes de água pelo corredor. Era muito amiga minha essa menina, do meu tamanho, e guardo nitidamente o nome e a face dela na minha memória. Outra de que me lembro era Expedita, menina forte de uns 11 ou 12 anos, pele marcada, cabelo alourado, imbatível nos jogos de bola e disputada quando se formavam os times. Ficou no

colégio e tornou-se freira. Eu a encontrei 50 anos depois, quando visitei Bom Conselho. Reconheci-a e ela me reconheceu. Foi um momento único na minha vida. Das outras órfãs, não me lembro. De nenhuma.

Entre as internas, havia também uma separação por castas e sub castas que funcionava com a mesma eficácia que era aplicada à separação entre internas e órfãs. Havia as “grandes” que englobavam as meninas acima dos doze anos, e as “pequenas” que iam até os onze anos. As pequenas deviam ser umas seis ou sete; havia duas que estavam entre os onze e doze anos e ora se agrupavam com as pequenas ora com as grandes. Então, o colégio pertencia às “grandes”, em maior número, e que dominavam, vamos dizer assim, a vida social. Eram as queridas das freiras, obtinham favores, eram ouvidas quando falavam ou questionavam algo. Nós, as pequenas, éramos pouco mais do que cocô de galinha. Entre as órfãs, o número de pequenas era maior, garantindo quantidade nas brincadeiras.

Mas todas, tanto as grandes como as pequenas, brincavam. As brincadeiras de roda eram as mais gostosas, porque cantávamos, e eu sempre gostei de cantar. As meninas davam-se as mãos, pequenas e grandes, internas e órfãs, e seu canto cristalino se elevava sobre aqueles morros,

nos clima frio e transparente do inverno ou nas quentes noites de verão:

*Lesô, lêsô, ô vamo vadiar  
Como está leseira, ô vamo vadiar  
Cavaleiro tire dama, ô vamo vadiar  
Que essa dama quer dançar, ô vamo vadiar...”*

Ou então:

*Esta noite eu fiz um roubo,  
Deus me queira perdoar  
Roubei a menina cega  
Era noite de luar*

*Papai amarrou meus olhos  
Para São Pedro me castigar  
A menina que tem dó de mim  
Venha meus olhos desamarrar...”*

Eram inúmeras as brincadeiras de roda. E pulávamos corda, sozinhas ou em grupo. Duas meninas de punho forte giravam a corda e aprendíamos a “entrar” por cima, por baixo, e a sair da corda sem que esta nos tocasse nenhuma vez. Pulávamos de várias formas, com contagem, dez pulos e fora! Ou outras combinações como “galinha choca pedrês”, a menina se abaixava, a corda girava três vezes sobre a cabeça, ela levantava e continuava pulando, “pôs um ovo pra

nós três"... E o terrível "pinga-fogo", quando a corda era girada na maior velocidade possível. Havia outra brincadeira de corda de cunho religioso, que não me lembro como era.

As brincadeiras típicas de meninas também não faltavam. A "berlinda": uma menina vai para a "berlinda", o que quer dizer que fica afastada das outras. A que conduz a brincadeira pergunta a cada uma:

- Por que Fulana está na berlinda?

- Porque é bonita - diz uma.

- Porque é antipática - diz outra.

- Por que riu hoje na missa.

Quando todas dizem os motivos, chama-se a menina e a condutora vai dizendo:

- Uma disse que você estava na berlinda porque era feia, outra porque era bonita, outra porque riu na missa...

E chega o momento culminante, quando a menina diz:

- Quem vai para a berlinda é quem disse que eu ri na missa...

Brincar de anel, onde um anel era passado de mão em mão e em segredo deixado com alguma das participantes. Escolhida outra, esta tinha que responder:

- Onde está o anel?

Brincar de pobre de marré. Brincar de toca – essa cheia de correria, era uma das brincadeiras preferidas das pequenas, sempre agitadas. Brincar de grilo.

- Cadê o grilo?

- Tá lá atrás!

E os jogos de bola! Com uma bolinha pequena de borracha, que cabia em concha em uma das mãos, procurávamos uma parede alta e lisa e começávamos a jogar a bola contra ela. “Ordem, seu lugar, sem rir, sem falar, com um pé, com o outro, com uma mão, com a outra, bate-palmas, pirueta, trás-adiante, cruz, queda.” Cada palavra dessa tinha o gesto correspondente, que devia ser feito enquanto a bola estava no ar. Depois, repetia-se a série sem sair do lugar: era o “seu lugar”, mas combinando-se o “seu lugar” com os outros

movimentos. A terceira vez era a série toda “sem rir”. E assim por diante. Quando errasse, passava a bola para a outra menina, que começava de onde havia errado. De duplas, jogávamos vôlei, João bobo, e baleado, mas esse último só se tivesse mais gente que desse pra formar os times, cada um com oito meninas. E nem todo dia todas estavam dispostas a jogar.

Dançava-se. Como? De duplas, como casal. Uma era o homem e conduzia e a outra era a mulher. A dupla cantava e dançava. Então havia horas em que várias duplas dançavam no mesmo espaço músicas diferentes. Bolero, samba, baião, valsa, os sucessos do rádio daquela época mas novamente não consigo me lembrar de nenhum.

Mas a melhor coisa eram os jogos de baralho. O jogo mais difundido era a sueca, que se jogava de duas duplas, em silêncio, com um baralho apenas, do qual haviam sido retirados dos oito, os nove e os dez. A sueca era um jogo de estratégia e de comunicação silenciosa apurada entre os parceiros. Também se aprendia a encamaçar os baralhos, e quando cabia a uma dar as cartas ela dava a si e ao parceiro as cartas boas. É claro que isso era roubo descarado, facilitado pelo estado dos baralhos, velhíssimos, de cartas amassadas e cheias de marcas. Eu rapidamente aprendi a preparar o baralho enquanto traçava as cartas e

quando vim nas férias para casa surpreendi meus pais e as tias encamaçando o baralho e ganhando tantas partidas quantas eu jogasse, até que fui descoberta e comunicada de que aquilo era errado, era roubo, era ilegal e não era uma forma decente de jogar com as outras pessoas.

- Pois eu aprendi no colégio das freiras - respondi, para escândalo dos que me ouviam.



As “pequenas”. Eu sou a do meio, na segunda fila.

## FREIRAS E FRADES

Quem comandava essa comunidade? Não me lembro do nome da Superiora, mas nos dirigíamos a ela chamando-a de Notre-Mère. Era uma pessoa muito especial, uma mulher fina, educadíssima, que jamais levantava a voz, e que deveria ser proveniente de uma família rica e importante. O que fazia ali naquelas lonjuras uma mulher tão cheia de nobreza, de finesse, de sofisticação, que ela procurava sempre esconder, comportando-se de maneira simples e discreta? A mim nada disso passava despercebido. Eu sabia que Notre-Mère não era igual àquelas outras freiras, algumas delas simples camponesas que mal sabiam ler e escrever.

Notre-Mère ocupava um gabinete no final do corredor que corria por fora, paralelo ao salão, e que tinha nas paredes os retratos pintados dos capuchinhos já falecidos. Ir ao gabinete da Superiora por algum motivo disciplinar implicava em passar na semi-obscuridade do corredor por aquelas imagens tenebrosas, em telas pintadas com cores sombrias, que me deixavam meio morta de terror. Mas as lembranças que tenho dela são boas, e o gabinete sempre era um lugar aonde eu ia para receber um elogio por minhas notas, que eram muito altas, ou para que ela conversasse comigo sobre os livros e revistas que eu recebia de casa, para ver se não havia neles algum elemento que contribuísse para prejudicar minha formação cristã. Não havia, mas isso é assunto para daqui a pouco. Notre-Mère, além de delicada e gentil, era elegante, com seu talhe gracioso que o hábito grosseiro não conseguia esconder. Andava com distinção e classe e, apesar de não me lembrar do rosto dela, lembro dos óculos de aro dourado e do olhar doce e compassivo.

As freiras vestiam um hábito que consistia de uma túnica de tecido pesado marrom, de mangas compridas e punhos largos, vestida por cima de uma camisa branca também comprido, cujas mangas eram amarradas nos punhos. Então, quando elas precisavam fazer algo, arregaçavam as mangas largas da túnica marrom mas os braços

continuavam cobertos pelas mangas da branca veste interior. Por cima disso, usavam uma peça retangular, com uma abertura para a cabeça, e que caía na frente e atrás até a barra da túnica. A túnica era amarrada na cintura pelo “cordão de São Francisco”, que tinha três nós, simbolizando os três compromissos da ordem: pobreza, obediência e castidade. Na cabeça, usavam uma cobertura de tecido branco e engomado amarrada atrás para mantê-la firme, chamada beatilha, que caía na frente numa espécie de gola redonda e se armava na testa dando suporte e imponência à cabeça, onde um véu preto era preso com um alfinete no alto. Meias brancas grossas e sandálias de couro, estilo franciscano. O que usavam por baixo disso eu nunca soube, se usavam sutiã, calcinha, ou outra peça qualquer.

Devia haver algum tipo de hierarquia entre elas, talvez relacionada à sua formação, se haviam estudado ou não. Uma das mais importantes, que sempre ficava tomando conta de nós no estudo do salão, era a irmã Maria da Purificação. Magra, seca, morena, feia, de óculos fundo-de-garrafa, era um espírito inferior, sensível à lisonja das meninas ricas e extremamente hostil às pequenas. Não tinha paciência com nossas perguntas, nossas dúvidas, nossos questionamentos, nossos bordados tortos, nosso tricô precário, nosso crochê cheio de nós e erros. Seu birô ficava em

cima de um estrado, de costas para as janelas que davam para o pátio. Para falar com ela, para perguntar alguma coisa, era preciso levantar e ir até lá mas nunca, nunca, nunca subir no estrado. Lá de cima, ela pontificava.

- Você não sabe dar um ponto que preste. Essa conta está errada. Esse crochê está uma vergonha.

De cabeça baixa, eu suportava a humilhação. Era nessa hora que chegava uma das meninas maiores, se derretendo toda para bajular a freira, adoçando a voz, ciciando a língua:

- Irmã Cação... - chamando-a pelo diminutivo carinhoso.

E eu, baixo, mas audível, dizia:

- Cação é um peixe...

E Irmã Cação:

- E com peixe ou sem peixe você vai passar meia hora de pé lá no fundo da sala de frente para a parede. Sua atrevida.

Eu ia, mas ia satisfeita, pois havia soltado o desaforo vingando-me da humilhação.

Para contrabalançar a existência de irmã Cação sobre a Terra, havia irmã Maria dos Anjos, gorda, desajeitada, alegre, de óculos de grau sempre fora do lugar, de gargalhada pronta e gostosa, que me abraçava e que me deixava abraçá-la. Apelidou-me de Coló:

- Vem cá, Coló, me dá um abraço!

E eu corria e mergulhava no tecido grosso do hábito enquanto ela me abraçava e brincava de me bater com o cordão de São Francisco que lhe pendia à cintura.

Uma vez minha tia me colocou de castigo, em pé, de frente para a parede, no corredor principal. Fiquei um tempão ali, de frente para um armário envernizado de madeira escura. Foram horas. Irmã dos Anjos passava para lá e para cá, inquieta, e pediu várias vezes à minha tia para me tirar dali. De nada adiantou. Depois de umas duas ou três horas em pé, quando me autorizaram a sair, não pude andar. Tive que ser carregada por irmã dos Anjos até o dormitório, onde ela massageou minhas pernas e pés até que a circulação voltasse e eu pudesse andar novamente. Irmã dos Anjos também supervisionava a arrumação das flores na capela e sempre me chamava para ir com ela.

Gostava de mim e se não está mais na Terra deve estar no Céu, tenho certeza.

Quem também gostava de mim era irmã Guadalupe e irmã Irene, duas freiras bem jovens, que não deveriam ter mais de dezoito ou vinte anos. Eram doces e amáveis, cada uma a seu modo, pois se irmã Irene era forte e corada, e gostava de correrias e de jogar vôlei no time do colégio, irmã Guadalupe era magrinha e delicada, morena bem clara e muito, muito bonita. Ambas adoravam crianças. De irmã Guadalupe não sei, mas encontrei irmã Irene em 2005, quando visitei o Colégio. Foi muito emocionante. O curioso era que ela não se lembrava de mim, mas eu, ah, eu jamais vou esquecer dela.

Havia ainda irmã Hosana, que cuidava da capela e da roupa; irmã Coleta, já velha; irmã Sara, da cozinha; irmã Nazaré, que estava comigo na procissão de São José, como contarei adiante, e mais umas cinco ou seis das quais realmente não me lembro, ou por serem muito velhas, ou por não terem muito contato com as internas.

Entre esse mundo feminino de freiras pontificava frei Irineu, o capelão, capuchinho legítimo, careca, barbudo, sem muita paciência, com suas confissões rápidas despachando a arrependida pecadora com três Padre-Nossos e

três Ave-Marias fosse qual fosse o tamanho do pecado e chamando logo:

- Outra! Outra!

Ajoelhávamos e ele com aquele sotaque carregado, pois devia ser alemão ou italiano dizia:

- Quanto tempo faz que se confessou?

Todo mundo na fila da confissão ouvia a frase. Havia dias em que ele, talvez por amanhecer com fome, rezava a missa em vinte minutos, para escândalo das freiras. Tinha uma voz bonita para a celebração, e cantava lindamente em latim. Já no final do meu último ano no colégio ele foi embora e veio outro frade, cujo nome se perde na minha memória, exatamente o oposto de frei Irineu. Jovem, sem barba, com suas missas minuciosas, demoradas, arrastadas e confissões que pareciam não acabar mais. Suponho que devia ser um frade recém saído do seminário, muito judicioso, muito ansioso para mostrar serviço, para fazer as coisas bem feitas. Não me lembro do seu nome, talvez fosse Frei Gabriel. Altíssimo, nos maravilhava o tamanho dos seus pés quando ajoelhado, exibindo para nós a sola das imensas sandálias franciscanas.



Com irmã Irene. A roupa que visto é a farda da “Cruzada Eucarística”, da qual falarei adiante. E Irmã Irene hoje vive bem pertinho de mim, num convento a uns 20 km de Natal, onde moro.

## PECADOS E DÚVIDAS

Os assuntos da religião eram novos para mim. A instrução religiosa que eu havia recebido até então era rudimentar: uma mistura de histórias bíblicas aprendidas na Escola Dominical da Igreja Presbiteriana onde minha tia Adiza levava a mim e a meu irmão Braulio aos domingos; o Primeiro Catecismo do Padre João Mohana, que as freiras das Lourdinas me fizeram decorar para a primeira comunhão; e as histórias que Mamãe contava sobre Jesus, São Pedro, o Diabo e os Santos, sendo que tudo que Mamãe contava era carregado na tinta forte da cultura popular, de mistura com versos, crendices, histórias de almas e assombrações. Meus pais não iam à missa nem frequentavam a igreja, embora se dissessem católicos; o máximo que poderia acontecer era

Mamãe acompanhar as romarias de Frei Damião mas nunca a vi se confessar, muito menos comungar.

- Vou lá me ajoelhar em pé de padre - dizia ela.

E não ia mesmo.

No internato me apresentaram um mundo novo, cheio de histórias de santos, de conhecimento sobre a divindade, de mistérios, de coisas incompreensíveis como transubstanciação, santíssima trindade, e também de obrigações a cumprir. Havia ainda o mundo dos pecados, que era um mundo riquíssimo de coisas proibidas, coisas que não podiam ser feitas.

Tudo era pecado. Havia os pecados capitais, que junto com outros igualmente graves constituíam os pecados mortais; e os pecados veniais, que eram mais simples, mais leves, mas não deixavam de ser pecados. Comecei a descobrir, horrorizada que cometia todos. Por mais cuidado que eu tivesse, quando dava acordo de mim, estava pecando. Mentia, trapaceava no baralho, ria das outras, puxava o cabelo de quem estava na frente, odiava minha tia e irmã Cação, era mal-agradecida. Era alegre demais, era triste

demais, era amuada demais, era “saída” demais, era a maior pecadora do Universo.

As freiras fiscalizavam quem comungava diariamente e estas eram “as meninas boas”, de alma pura e branca, que podiam todo dia receber a comunhão, pois não pecavam. Qualquer ausência da mesa da comunhão era sinal de pecado. As freiras notavam.

- O que será que essa menina fez, que não comungou hoje?

Além dessa auto-delação involuntária, havia o medo absurdo de morrer com a alma negra de pecados e ser lançada diretamente no inferno, que eu fantasiava como sendo uma fogueira enorme, onde era obrigada a me queimar inteira, eternamente cutucada com espetos enormes pelo Demônio e seus comparsas. Ia dormir à noite e o medo de que o Satanás arrebatasse a minha alma enquanto eu estivesse dormindo, sem defesas, quase me fazia ficar insone. Felizmente, as agitadas brincadeiras do dia-a-dia lançavam-me no sono profundo da infância, e ao acordar no dia seguinte meu primeiro pensamento era que tinha escapado mais uma vez e que, por causa disso não ia mais pecar. Dali em diante, tudo seria diferente, pensava, enquanto alisava o lençol, arrumava o

travesseiro e esticava a colcha. Irmã Cação passava e dizia:

- Forre direito essa cama!

E eu imaginava a Irmã no inferno, sendo cutucada pelos espetos dos demônios e pronto! Lá estava eu pecando outra vez.

No Colégio não havia biblioteca. Havia uma ou duas estantes na sala de música, assim chamada por abrigar um piano e alguns instrumentos musicais. Nessas estantes estavam a Coleção Menina e Moça e muitos volumes sobre a vida dos santos.

A coleção Menina e Moça era composta de romances açucarados, escritos originalmente em francês por diversos autores e traduzidos para o português. Tinham cerca de duzentas páginas, capas coloridas e títulos como “A Glória da Família”, “A Pequena Detetive”, “A Afilhada das Abelhas”, “Flor de Nobreza”, e outros do mesmo tipo. Editados a partir dos anos 1940 pela Editora Jose Olympio, eram livros cheios de fábulas morais e de ensinamentos. As meninas grandes eram estimuladas a lê-los, mas para nós, as pequenas, a leitura era proibida, sob o pretexto que ainda “não tínhamos idade”. Uma vez ou outra eu conseguia me apossar de algum, às escondidas, e me lembro

de um personagem de nome Sir Jerry, detetive; de crianças raptadas por ciganos que somente na idade adulta tinham sua identidade revelada e reconhecida; e é só.

Criada numa casa cheia de livros, lendo desde os três anos de idade e sabendo escrever desde os quatro, eu ansiava por leitura. Felizmente papai mandava para mim revistas e livros que, depois de minucioso exame pela minha tia e por irmã Cação, chegavam às minhas mãos. Havia fascículos de uma enciclopédia em que li, maravilhada toda a história da lenda do rei Arthur e a demanda do Santo Gral, com ilustrações que me pareciam muito lindas, como a da mão da Senhora do Lago saindo das águas, para receber a espada de Arthur ou a visão do Gral tendo à sua frente o cavaleiro puro e sem mácula, de armadura brilhante, que o havia encontrado. A enciclopédia tinha ainda verbetes sobre as eras pré-históricas, sobre os dinossauros, e vários temas semelhantes. Não me lembro dos outros livros ou revistas, mas recordo claramente que vez por outra algo era considerado impróprio e jamais chegava às minhas mãos. Eu sabia que haviam me surrupiado uma das revistas ou livros porque o envelope era entregue aberto, e parecia ser muito maior do que o conteúdo.

As cartas que eu escrevia para casa eram também censuradas. Por duas ou três ocasiões, fui

obrigada a escrever outra carta em lugar da que havia escrito, reclamando da comida e contando dos espancamentos. Além disso, fui severamente criticada por ser mal-agradecida pela educação de qualidade superior que estava recebendo, e por preocupar meus pais com assuntos tão sem importância. Era obrigada a entregar a carta aberta à minha tia para que ela selasse e colocasse no correio. Daí, ela aproveitava e aplicava a censura. Anos de chumbo.

Aqui é preciso dizer que as freiras não espancavam as meninas, nem as internas nem as órfãs. A única menina que apanhava era eu, porque minha tia, sendo da família, tinha o “direito” de me aplicar castigos físicos. Isso transformava esses espancamentos em uma dupla injustiça: as surras propriamente ditas e o fato de que somente eu, entre cerca de cem meninas, era surrada.

Para complementar a leitura profana oriunda de casa, havia a leitura da vida dos santos. Santos como São João Bosco, ou Dom Bosco, o apóstolo da juventude, celebrado pelo seu trabalho incansável primeiro na conversão de jovens e depois na realização de obras pias, onde os recursos para construções de igrejas e educandários apareciam como se fosse do nada; São Domingos Sávio, discípulo de Dom Bosco,

morto aos quinze anos de idade por grave doença; Santa Maria Goretti – morta aos doze anos, tão novinha! – atacada a facadas por um vizinho que queria atentar contra a sua pureza.

Eram exemplos para mim complexos, incompreensíveis, pois não entrava na minha cabeça a necessidade de uma menina morrer aos doze anos por tal motivo. É claro que naquela idade eu ainda não compreendia a violência de um estupro; mas da forma como a história me era contada, sem que se explicasse o que seria esse “atentado contra a pureza”, o sacrifício me parecia desnecessário e idiota.

Para completar, uma das freiras me deu um “santinho”, uma estampa da Santa para colocar dentro do meu livrinho de rezas. Os santinhos eram estampas de santos, impressas em papel macio e delicado, com bordas douradas. No verso, uma oração ou reflexões piedosas. As meninas os ofereciam umas às outras, e eram colocados dentro do adoremus. O de Santa Maria Goretti tinha colada na parte inferior, dentro de um papel celofane, uma substância escura que a freira dizia ser um fragmento da terra embebida no sangue da santa: aquilo era uma relíquia, e do maior valor.

Para aumentar ainda mais os meus pecados, posso dizer que não acreditei nem um só minuto

nessa história. Apesar da pouca idade, eu tinha um bom senso que parece que já nasceu comigo pois logo entendi que seria impossível colocar esse tipo de relíquia em toda a quantidade de santinhos que eram distribuídos. E reforçava meus raciocínios com perguntas disfarçadas às freiras:

- Outras meninas têm esse santinho?

- Têm, Clotilde.

- E é igual ao meu?

- Igualzinho.

- E tem a terra da relíquia?

- Tem, sim.

- E nos outros colégios e nos outros lugares também tem?

- Claro que tem.

E eu, cá comigo:

- Então é mentira. Seria preciso uma tonelada de terra para colocar em todos esses santinhos. Isso não é terra com sangue coisa nenhuma.

Além dos santinhos havia as fitas vermelhas do Apostolado da Oração, as azuis e brancas das aspirantes a Filhas de Maria e as fitas largas e inteiramente azuis das Filhas de Maria propriamente ditas. Algumas alunas as usavam, outras não, e era uma honraria pertencer a alguma dessas irmandades. Eu queria muito uma, naquele meu desejo desesperado de pertencer a alguma coisa ou a alguém. Grande foi então a minha felicidade quando criaram no colégio a chamada Cruzada Eucarística, uma organização que procurava despertar em crianças e jovens o amor pela oração e pela Eucaristia. As freiras organizaram em grupo as meninas menores, criaram uma “diretoria” e eu fui escolhida para ser “secretária”.

Para minha felicidade, os membros da Cruzada usavam uma larga fita amarela que cruzava o corpo em diagonal. Melhor ainda: essa fita era usada por cima de um vestido branco e minha tia mandou fazer um desses para mim, que ficou lindo, cheio de babados, e me caiu muito bem. Quando ela me entregou o vestido no sábado para que pudesse vesti-lo na missa do domingo não deixou de me dizer bem alto, no dormitório, para que as outras ouvissem:

- Seu pai vai me pagar, viu? Que esse vestido custou caro.

Era assim minha tia, desnecessária, inoportuna, deleitosa com a humilhação dos outros. Ela podia muito bem ter cobrado do meu pai o preço do vestido sem precisar dar conhecimento ao colégio inteiro.

Com humilhação ou não, no dia seguinte lá estava eu toda orgulhosa do vestido e do cargo novo, meu primeiro cargo, ocupado aos oito anos. Como se fosse uma marca tatuada no meu destino, a função de secretária me perseguiu ao longo de toda a minha vida e sempre estive às voltas com atas, relatórios, memoriais, e documentos desse tipo, muito embora eu nada tivesse feito qualquer coisa semelhante na Cruzada Eucarística. A organização parecia ter apenas função decorativa, pois não me lembro de nenhuma atividade especial na qual tivesse tomado parte ou que fosse desenvolvida por ela, a não ser usar o vestido branco e a fita nas missas de domingo. Bendita fita! Larga e enfeitada com galões azuis transversais que indicavam meu cargo de secretária, foi por mim guardada durante muitos anos até que, num dos meus ataques de final da adolescência passando para a vida adulta, joguei-a no lixo, já velhinha, quase se desfazendo em pó.

Apesar de já ter a fita da Cruzada eu continuei almejando as outras fitas, principalmente a vermelha, do Apostolado da Oração. Para obtê-la, descobri logo que era preciso ostentar o tempo todo uma atitude devocional e que por isso não ficava bem viver questionando as coisas da religião.

Para mim era fácil acreditar em um milagre. Jesus morreu na cruz e depois ressuscitou. Fácil. Nenhum problema. O problema começava aqui: se Jesus foi crucificado e morreu na sexta-feira, e ao terceiro dia ressurgiu dos mortos, como é que se comemora a ressurreição no domingo, apenas dois dias depois? Para a minha mente lógica de pequena pentelha de oito anos, algo estava errado nessa conta. Depois de submeter esse cálculo tão preciso a irmã Cação e de ficar de castigo, pois as coisas de Deus não podem ser questionadas, aprendi a guardar minhas questões para mim mesma e descobrir formas sub-reptícias de obter informações, como no caso da terra embebida no sangue de santa Maria Goretti. Também aprendi que devia perguntar as coisas a irmã dos Anjos, ou a irmã Guadalupe. Perguntando a irmã Cação ou a minha Tia, elas logo percebiam aonde eu queria chegar e o castigo vinha antes que eu pudesse perceber a enrascada na qual estava me metendo.

Mesmo com todas essas pequenas descrenças que começavam a tomar forma dentro do meu coração sobre as verdades da igreja, a prática religiosa regular era uma experiência nova e excitante para mim. As missas, bênçãos, orações, ladainhas, jaculatórias, a misteriosa missa em latim, tudo isso me trazia uma sensação de incomparável beleza, embora incompreensível na maior parte do tempo. A complicação dos paramentos do celebrante, com todas aquelas partes que aprendi a conhecer e a saber o simbolismo de cada uma: alva, estola, amito, cingulo, manípulo e casula, todas palavras novas, desconhecidas, belas. Os ornamentos e equipamentos do altar: cálice, patena, ostensório ou custódia, cibório ou âmbula, sacrário, turíbulo, galhetas, naveta, hissope...

Abria-se para mim todo um novo universo de práticas e cerimônias, representadas pela liturgia da igreja católica que naquele tempo era majestosa e emocionante, celebrada em latim, sem microfone, com a voz do sacerdote e dos fiéis enchendo a igreja e levando para o alto, diretamente para Deus, os cânticos e palavras, envoltos em nuvens do inebriante incenso.

Foi assim que me apaixonei pela religião, e me tornei uma praticante aplicada das obrigações cristãs. Sabia de cor para que servia cada objeto

do culto, sabia cada festa do calendário, transportava-me de piedade e unção a cada episódio de consagração do Santíssimo Sacramento. Rezava jaculatórias: Doce Coração de Maria, sede a nossa salvação. Sagrado Coração de Jesus, tende piedade de nós. Mãe do Bom Conselho, rogai por nós que recorremos a vós. Contava as jaculatórias rezadas com cuidado pois havia uma contabilidade religiosa com Deus segundo a qual tantas jaculatórias representavam tantos anos de indulgências, ou seja, menos anos no purgatório, se eu morresse com pecados veniais e escapasse do Inferno, que me ameaçava sempre, porque eu continuava pecando. Meu gosto e admiração pela liturgia não tinha nada a ver com a minha pratica diária e eu, aos oito anos, já era um poço de hipocrisia, um sepulcro caiado, aquilo que muitos precisam de anos de pecado para vir a ser.

Mas se eu não pecasse, como seria possível suportar a vida? E como viver, se tudo que eu fazia era pecado? Se era pecado brincar, esbarrar nas outras, puxar o cabelo, desejar as coisas dos outros, reclamar da comida, ser alegre, ou ficar emburrada quando as coisas não iam bem, não querer acordar às cinco e meia da manhã quando a temperatura lá fora devia ser de 15 graus, e odiar irmã Cação e minha tia com todas as pouco desenvolvidas fibras do meu ser? E sempre havia a

confissão para me tornar novamente pura, as jaculatórias rezadas a propósito de qualquer coisa e que iam diminuindo os dias que eu passaria no purgatório depois da morte, uma vez que tinha o maior cuidado para não cometer nenhum pecado mortal, e ficar apenas nos pecados veniais.

Com essa adesão à liturgia, descobri também as ladainhas, e era um prazer recitá-las, geralmente com a freira “puxando” a cantilena monótona e as alunas respondendo: Ora pro nobis. Mater Divina Graciae, ora pro nobis. Mater dei genitrix, ora pro nobis. Mater amabilis, ora pro nobis. Mater admirabilis, ora pro nobis. Que coisa mais linda! E as palavras que eu gostava mais: Domus aurea, Turris eburnea, Rosa mystica, Foederis arca, Stella matutina, Refugium peccatorum... Pareciam as parlendas da minha infância: hoje é sábado, pé de quiabo, amanhã é domingo, pé de cachimbo... Pronto, lá estava eu pecando outra vez, misturando a ladainha de Nossa Senhora com pé de cachimbo.

A ladainha era rezada depois do terço, e às vezes havia a Bênção do Santíssimo. Então, cantávamos um dos belos hinos que eram comuns naquele tempo:

*Coração Santo, tu reinarás,  
O nosso encanto, sempre serás.*

*Jesus amável, Jesus bondoso,  
Pai amoroso, ó Deus de amor,  
Aos teus pés venho, se tu me deixas,  
Sentidas queixas, humilde expor.*

Ou este, em louvor a Nossa Senhora, cantado  
geralmente aos domingos na saída da missa:

*Formosa és, Rainha Imaculada,  
Fragrante lis, aurora divinal.  
Se os olhos meus um dia te olvidarem,  
Ó Mãe então, recorda-te de mim.*

*Quero morrer cantando os teus louvores,  
Qual rouxinol que expira ao pôr-do-sol.  
Quando partida, a minha pobre lira,  
Te cantará meu triste coração. (Refrão)*

*Formosa és, ó Mãe Imaculada,  
O próprio Deus te fez primor sem par.  
Tu tens do sol o brilho insuperável.  
E o esplendor dos astros a brilhar.*

*Formosa és, ó, Filha do teu Filho.  
Por Ele ornada de eternal candor.  
De tua virtude o mundo se enganala  
Para hospedar o Filho Teu, Jesus.*

*Formosa és, esposa sempre pura.  
Fornalha ardente do divino amor.*

*Teu coração que o sol divino aquece  
De eterna vida é fonte perenal.*

Quem era afinada, cantava em intervalo de terça, que chamávamos de “segunda voz”. Depois de repetir o hino umas duas vezes, a freira batia palmas – só uma – e era o sinal para sairmos ordenadamente da capela em direção ao refeitório, sempre na forma.

Quem eram esses poetas anônimos, autores desses hinos cujas palavras enlevaram a minha infância tão pobre em beleza, em imagens, em visões? Ouvindo essas palavras, esse “rouxinol que expira ao pôr-do-sol, esse “ornada de eternal candor”, essa “fonte perenal” eu me transportava para um mundo onde tudo era delicadeza, poesia, beleza, e esquecia nem que fosse por minutos as misérias do meu dia-a-dia.

Lembro de um episódio em que uma das meninas maiores fez uma maldade comigo, e eu, em vez de oferecer a outra face, reagir, esperneei, mordi, chutei, arranhei. Essa menina tinha 15 anos e era a filha mais velha de um rico usineiro da cidade de Barreiros. Chamava-se Marluce. Com ela, havia mais duas irmãs mais novas internas: Isa,

com 12 anos, e Analucia, com 9<sup>2</sup>. Eram meninas ricas, mal acostumadas, sem nenhum freio, brutas como tocos de roçados, e só faziam o que queriam. Marluce, a mais velha, havia sido interna por causa de um namoro que o pai não aprovava; e a família resolveu então internar também as outras duas. Era um trio difícil de aturar, e davam muito trabalho às freiras mas, como eram ricas, tudo se suportava delas.

Marluce não gostava de mim e sua diversão era me agarrar, me trancar em algum lugar fechado e depois ir embora. Geralmente me trancava no banheiro escuro à noite, se me pegasse distraída na hora do recreio. Eu gritava, gritava, até que alguém ouvisse e visse me libertar. O meu medo era ninguém ouvir e eu ter de passar a noite ali.

Um dia, ela me pegou distraída sozinha no salão e me trancou num compartimento escuro que havia embaixo da grande escadaria que levava ao dormitório, onde era guardado o material de limpeza. Mas antes que ela conseguisse me trancar, eu chutei, esperneeie e, principalmente, mordi-a nos braços e arranhei-a no rosto.

---

<sup>2</sup> Mudei os nomes dessas meninas, para preservar sua imagem. Eram crianças também, como eu, não tinham culpa do seu comportamento.

Além de passar uma meia hora trancada no tenebroso e escuro esconderijo até que alguém me encontrasse e de ter ficado com a farda toda suja, ainda levei uma surra de bolos da minha tia por ter “deixado a marca dos meus dentes e das minhas unhas no rosto e nos braços da filha do usineiro”. E enquanto os bolos eram despejados na palma das minhas mãos, eu engolia o choro, trincava os dentes e dizia mentalmente:

- Morra Marluce. Morra Isa. Morra Analucia. Morra usineiro. Morra Tia Cândida. Morra Irmã Cação. Quero que morram e vão todas para o inferno.

- E você? - dizia minha tia. - Não chora? Sua rebelde. Menina rebelde. Vai apanhar mais meia-dúzia.

E eu não deixaria nunca uma lágrima cair, tal a raiva que estava sentido. Foram duas dúzias de bolos porque uma menina rica e sem limites tinha me tomado, naquele dia, como objeto do seu sadismo e da sua crueldade. Mas não chorei. E não chorando nem me arrependendo, pequei até ficar mais negra do que a mais negra e pecadora alma.

Quando mamãe veio me buscar nas férias, que minha tia relatou o episódio, ela me defendeu:

- Mas Cândida, não devia ter batido em Clotilde por isso.

- Ora! Ela mordeu a menina toda, que ficou os braços marcados! Já pensou se o pai dela chega e encontra a filha mordida daquele jeito?

E mamãe:

- E já pensou se eu chego e encontro minha filha louca, porque ficou trancada no escuro?

E separaram-se as duas friamente, despedindo-se antes da viagem, com mamãe tendo levado atravessada na garganta a injustiça que me haviam feito. Tenho certeza de que ela nunca perdoou minha tia por isso.



Os livros da Coleção “Menina e Moça”.



São Domingos Sávio



São João Bosco



Santa Maria Goretti



A diretoria da Cruzada Eucarística. Atrás, Irmã Irene e Frei Irineu. Expedita na extrema esquerda, Glorinha ao centro junto à bandeira e eu na direita, na frente do frade. Não lembro o nome das outras. Abaixo, o grande grupo, comigo na frente, na extrema esquerda.



## PASSEIOS, PROCISSÕES, VIDA SOCIAL

No internato, havia os chamados “passeios”. No domingo de manhã, depois da missa, quando fazia sol, fazíamos a forma e saíamos, acompanhadas por duas freiras, geralmente irmã Cação e alguma freira mais nova, que ia na frente, puxando a fila, enquanto a outra, vigilante e esperta, ia no final, onde iam as meninas maiores, que já tinham idade para namorar e precisavam ser vigiadas mais de perto. Muitas meninas iam para o internato obrigadas pelos pais, para afastá-las de algum namoro indesejável e às vezes o galã ia atrás da donzela, cercando-a com bilhetes enviados pelas alunas externas, fazendo com que a vigilância redobrasse. Devia ser por isso que nesses passeios eu sentia uma tensão, um

sentimento de que algo estava acontecendo ou iria acontecer, mas não sabia o que era. Era um frisson que percorria todas aquelas almas adolescentes, subitamente em contato com a liberdade, por breves instantes sem muros, sem grades, sem limites. Tudo não passava de uma simples caminhada bordejando o pequeno rio que atravessava a cidade, passando por trás do colégio, irrigando os terrenos baixos onde ficava a horta, e que agora se encontrava à nossa direita, enquanto andávamos, formadas, organizadas, enfileiradas e vigiadas.

Havia um momento em que, chegando a um local onde havia uma grande árvore, parávamos para descansar, sentando na grama rala, com todo o cuidado para não sujar a farda. As pequenas já estavam com a boca arroxeadas de comer quixabas, as frutinhas silvestres encontradas ao longo de todo o caminho e que dávamos um jeito de apanhar e passar umas para as outras sem sair da forma. As carências vitamínicas nos empurravam com sofreguidão para esse tipo de fruta, alimento de pássaros e animais, desprezado pelas pessoas grandes, porque nossos organismos infantis e carentes sabiam do que precisavam. Da mesma forma que o juá, éramos impelidas quase que visceralmente para as quixabas.

Depois de uns quarenta minutos, era a volta para o colégio. Ficávamos no salão, ou íamos à sala onde havia as estantes, para ler e olhar livros. A disciplina se afrouxava um pouco nos domingos e depois do almoço com macarrão grosso, galinha e farofa éramos liberadas para dormir.

Essa era a única ocasião que entrávamos no dormitório durante o dia. O Colégio era afastado da cidade, um quilômetro talvez. Das altas janelas conseguíamos ver, através da vegetação, as torres da Igreja da Sagrada Família, que ficava na praça no centro da cidade, ao longe.

Hoje não existe mais isso. A cidade e o colégio fazem parte de uma malha urbana compacta, integrada e não existe mais separação entre eles. Mas em 1956 a cidade era uma paisagem distante, entrevista apenas nos domingos à tarde e com dificuldade, pois irmã Cação, dizia logo:

- Deitem! Deitem! - para evitar que as julietas colocadas sob a sua guarda pudessem se comunicar com os romeus que ao longe, acenavam para as janelas.

Pobres meninas prisioneiras, que não podiam sequer olhar a paisagem que só estava à disposição uma vez por semana.

Eu não conseguia dormir. Era inquieta demais e nunca tinha conseguido dormir de dia. Nessas horas, deitada e acordada, obrigada a fazer silêncio e fingir que dormia, distraía-me a observar as altas nuvens – única coisa visível pelas janelas abertas - e tinha saudades de casa. Lembrava do meu irmão e das brincadeiras, das tardes frias de Campina em que ficávamos na cama debaixo dos cobertores e nos levantávamos somente para o café com leite bem doce que mamãe fazia, junto com a orelha de pau, delícia culinária da região do Cariri, bolos feitos de fubá, leite, açúcar e ovos, fritos nos óleo às colheradas. Lembrava dos chocolates embrulhados em papel de alumínio azul, vermelho e verde. Lembrava dos rasga-bocas, confeitos enormes que custavam tão pouco e que cabiam exatos dentro da boca, que ficava cheia, repleta daquele confeito doce com listas verdes e vermelhas, que não nos deixava falar, não havia espaço. Aí, lentamente, ele ia derretendo, amolecido pela saliva, e o doce ia descendo garganta abaixo, enquanto o confeito ia se desfazendo em puro açúcar.

Tia Adiza não deixava Braulio comer rasga boca, com medo que o confeito escorregasse pela garganta do menino e o sufocasse; e uma mania dela era que aquilo que fosse interdito a Braulio também fosse proibido para mim, “para o bichinho

não ficar chorando”. Às vezes isso dava certo com Mamãe, às vezes não; no caso do “rasga-boca”, Mamãe liberava e eu me deliciava com a guloseima. Fecho os olhos e sinto o gosto daquele confeito rude, preparado de forma rudimentar, sem sofisticação. Para mim, o “rasga-boca” era uma das delícias da minha infância, recordação trazida naquelas tardes de domingo de 1956, a mesma que me traz agora, mais de meio século depois.

Às vezes, aconteciam no colégio eventos que o tiravam da normalidade. Nas festas religiosas, havia sempre procissão, uma verdadeira distração, pois a procissão incluía um trajeto de mais ou menos dois quilômetros entre a ida e a volta, e uma pequena permanência na Igreja da Sagrada Família, na parte central da cidade, em frente à Praça. Essa igreja ficava no alto da colina, em frente à praça, ladeada por casas de comércio e residência das famílias ricas do lugar. O que me maravilhava eram as colunas da nave, que eu achava enormes, em mármore – ou imitação de – coloridas, raiadas de rosa e salmão. As imagens, o tamanho da nave e a multidão, tudo tão diferente da capelinha do colégio que para mim já era grande, já era portentosa.

Nas procissões fazia-se a forma e cada fila acompanhava a linha do meio-fio, deixando ao

centro um espaço vazio. À frente iam os andores, com as imagens dos santos homenageados, muito enfeitados, cobertos de flores, cercado pelas irmandades de homens, com suas opas roxas. O andor trepidava e parecia que ia cair quando um dos escolhidos para carregá-lo era menor, era mais baixo. E lá saía o andor penso, tortinho, com a santinha desequilibrada em cima, ameaçando o tempo todo cair. As meninas cantavam o hino, as freiras acompanhavam a procissão com o hábito de sair, igual ao habitual mas de um tecido melhor e todo preto.

O fogueteiro, com sua lata de brasas e trazendo debaixo do braço um molho de foguetões, percorria algumas dezenas de metros, parava, pousava a lata, aprumava a vareta do foguetão no chão e, com o tição aceso tirado do braseiro, acendia a pólvora, que num ruído rascante e assustador, fazia o foguetão subir, ganhar altura, explodir lá em cima, e a seguir a vareta despencava das alturas e caía em algum lugar.

Eu ficava apavorada. Havia uma história que tia Adiza contava de uma moça que estava numa procissão e fora atingida pela vareta que despencava.

- A vareta abriu a cabeça dela - contava tia Adiza, cuja voz havia adquirido subitamente um tom grave. - A parte do rosto despencou sobre o peito, e o vestido dela, que era de linho branco, ficou todo vermelho na frente.

Essa história me apavorava desde os cinco anos de idade. Eu imaginava vivamente a jovem com a face destruída, o crânio lascado ao meio e a metade da frente, que continha o rosto, caída sobre o peito, o vestido tingido de sangue. Não podia ver um foguetão que ficava trêmula, em pânico.

Numa dessas procissões, no dia de São José, eu me encolhia toda junto a uma das freiras toda vez que o foguetão subia, com aquele ruído apavorante, e rezava para que a vareta fosse cair bem longe. Ela perguntou se eu estava com medo dos foguetões. Na afirmativa, chamou o fogueteiro, e fez com que ele soltasse uns cinco ou seis foguetes bem pertinho de mim, para que eu perdesse o medo. Quando ele acabou com aquilo, eu estava paralisada no meio de uma poça de urina. A freira chamou uma das órfãs maiores e mandou me levar de volta ao colégio, fazer com que eu tomasse banho, trocasse de roupa e ficasse de castigo até todo mundo voltar da procissão.

O que posso dizer sobre o método de irmã Nazaré – esse era o nome dela – é que até hoje tenho medo de foguetões e de qualquer tipo de coisa que sobe e explode lá em cima.

Mesmo correndo esses riscos, eu adorava uma procissão. Ainda gosto de todos os tipos de rituais, quando feitos obedecendo à tradição, dentro de um espírito de reverência, com todos os atos revestidos de significado. Desde as procissões festivas, que acompanhávamos a cantar hinos alegres de louvor e exaltação, até as procissões da Quaresma e da Semana Santa, onde o clima era de lamentação e tristeza, e os hinos eram cânticos terríveis de expiação e culpa, acompanhando os andores que levavam o Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores, vestidos de roxo ou de preto, aquelas imagens terríveis, paradigmas do sofrimento e da dor, espadas cravadas no peito, finalizando com o Senhor Morto, esquelético, cheio de feridas e hematomas, coroadado de espinhos, no seu caixão de vidro.

A minha religiosidade, estimulada pelos ritos, alimentada pelas histórias dos santos, sustentada pelas práticas piedosas das jaculatórias e das orações, estaria de vento em popa se não fosse a sensação do pecado constantemente praticado, “por pensamentos, palavras e obras, por minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa”, como

dizia o ato de contrição que eu rezava batendo no peito.

Outros acontecimentos da vida social reduzidíssima do colégio era a visita de frades, que deviam estar cumprindo algum tipo de visita protocolar, ou de inspeção. Nessas ocasiões, e estando marcada a data da visita, o evento era comunicado às alunas e era preparado uma espécie de sarau, cheio de números musicais e poéticos para mostrar ao visitante nossos dotes artísticos.

Numa dessas sessões, coube-me apresentar uma “cançoneta”, que era uma pequena canção dramática, contando a história de uma menina chamada Sílvia que brigava com a mãe por algum motivo. Eu sempre gostei de cantar, e os ensaios eram um prazer, principalmente porque tinham o acompanhamento do piano, instrumento pelo qual eu tinha uma grande fascinação. As tardes de ensaios, onde eu cantava “Chamo-me Sílvia, e só lhe digo...” foram, no internato, algumas das tardes mais felizes que tive.

A recepção ao frade seria no domingo, depois da missa e do café da manhã. Fomos para a sala do piano, e uma das meninas disse uma poesia, outra cantou algo, mais uma tocou uma valsa. Quando chegou a minha vez, não consegui cantar

nada, não porque não soubesse ou porque estivesse encabulada, mas porque de manhã não tenho nem nunca tive voz. Sempre acordei rouca, “com teias de aranha na garganta”, principalmente num clima frio como era aquela da região. Nos ensaios, à tarde, eu me saía bem, depois da voz já aquecida por quase um dia inteiro de gritos e brincadeiras; mas às sete e meia da manhã foi impossível. Depois de duas ou três tentativas, retirei-me arrasada para o corredor, e pequei mais uma vez, levantando meu humilhado coração contra Deus, que havia permitido aquilo.

Fiquei sob a égide da desgraça durante quase toda a semana. Onde eu chegava, comentavam:

- Clotilde não cantou, Clotilde não cantou...

Mas na sexta-feira, a professora de terceira série, no final da aula da manhã, já aí pelas onze horas, resolveu fazer uma “sessão artística” e chamou algumas das meninas para recitar e cantar. Depois perguntou:

- Quem quer vir?

Eu levantei o braço.

Fui lá para a frente, plantei os pés no chão, coloquei as mãos para trás, como era a postura

adequada para essas apresentações e cantei uma música de Luiz Gonzaga que eu sabia todinha “Siri Jogando Bola”.

*Vi dois siris jogando bola lá no mar  
Eu vi dois siris bola jogar, lá no mar*

*Fui passear no país do tatu-bola  
onde o bicho tem cachola e até sabe falar,  
eu vi um porco passeando de cartola,  
um macaco na escola ensinando o bê-a-bá*

(...)

*Vi um elefante cozinhar na caçarola,  
armoçar todo frajola e a dentuça palitar,  
vi um jumento beber vinte Coca-Cola,  
ficar cheio que nem bola  
e dar um arrote de lascas.*

A letra da música era engraçadíssima, cheia de absurdos, e eu fui muito, mas muito aplaudida mesmo. Veio gente de outras salas, as freiras e até minha tia, para assistir à performance. Quando acabei, os aplausos foram enormes, pediram bis, e eu cantei a música inteirinha de novo.

Esse episódio foi uma das glórias da minha infância tímida e acanhada, e jamais vou esquecer daquela sensação, dos aplausos, dos rostos

alegres me olhando, dos olhos brilhando, dos sorrisos largos. Ali, naquele instante, nascia o meu gosto pelo palco.

## O PASTORIL

O fato culminante deste primeiro ano que passei interna foi o pastoril que foi organizado em dezembro, pouco antes do Natal. Eu sempre adorei pastoril e Mamãe nunca deixava de me levar para ver as apresentações nas festas de Campina Grande. Duas alas de meninas, uma ala do cordão azul e outra do cordão encarnado - note-se que não é vermelho: é “encarnado” - cantam “jornadas”, que são canções falando do nascimento de Cristo e louvando o acontecimento. A menina que chefia o cordão azul é a Contra-Mestra, e atrás dela se enfileiram as “pastoras” do azul; a que chefia o encarnado recebe o nome de Mestra, e tem as pastoras do encarnado em fila atrás de si. No meio, dança a Diana, que pertence a ambos os cordões e usa as duas cores na sua

roupa. As meninas, ou pastoras, se vestem das cores dos seus cordões, em trajes de seda enfeitados de areia prateada, usam coroas e diversos tipos de adornos, e cantam acompanhando-se por pandeiros ou maracás enfeitados com fitas, Algumas jornadas têm a participação de personagens acessórios, como a Borboleta, o Velho, o Anjo, e outros, variando com a região.

No recreio da noite, um ou dois meses antes, os ensaios começaram e era muito divertidos. Marluce foi logo escolhida para ser a Contra Mestra; Isa, para ser a Diana, e se Analucia já fosse mocinha tenho certeza de que seria escolhida como Mestra para comandar o cordão encarnado. Mas esta função foi delegada a uma das meninas maiores, muito bonita, chamada Socorro. E era uma beleza quando começava a primeira jornada:

*Boa noite meus senhores todos  
Boa noite senhoras também  
Somos pastoras, pastorinhas belas  
Que alegremente vamos a Belém...*

*Contra-mestra é Marluce, beleza falada  
Mestra é Socorro, foi quem deu entrada  
Diana é Isa, com satisfação  
É ela quem puxa esses dois "cordão"...*

Na escolha dos personagens acessórios, foi logo cortado o Velho, por ser um personagem irreverente, inconveniente, que contava anedotas e fazia piadas de duplo sentido. Não ficava bem para um pastoril organizado pelas freiras ter um personagem daquele. Mas a Borboleta ia permanecer. E alguém disse:

- Põe Clotilde para ser a Borboleta, porque ela é pequenininha e canta alto.

Eu fiquei muito feliz. Comecei a ensaiar a jornada da Borboleta.

As pastoras cantavam:

*Borboleta pequenina  
Saia fora do rosal  
Venha ver cantar o hino  
Hoje é noite de Natal.*

Aí eu entrava:

*Eu sou uma borboleta  
Pequenina e feiticeira  
Vivo no meio das flores  
Procurando quem me queira...*

E toda noite, depois do jantar, o recreio se transformava naquela folia sem par que era o

ensaio do pastoril. As componentes eram principalmente as internas; algumas órfãs, as mais bonitas, também foram escolhidas. Cada “cordão” tinha umas dez pastoras, e com mais a Diana e a Borboleta eram cerca de vinte e duas meninas.

Havia uma azáfama de freiras e professoras costurando roupas, fazendo diademas e enfeites. Além do ensaio para a Borboleta eu também ensaiava como pastora do Encarnado, e como a ordem era da maior – a Mestra – para a menor, eu ficava sendo a última das meninas da fila. Aos poucos, ouvindo aqui e ali uma conversa, fui sabendo que ia haver uma votação. Iam ser vendidos votos para eleger a Rainha do Pastoril, cujas candidatas era a Mestra e a Contra-mestra.

Era, na verdade, uma disputa entre o azul e o encarnado, como ocorria onde houvesse pastoril. Eu sempre havia torcido pelo encarnado porque mamãe e minhas tias torciam por esse cordão. No internato, me vi mergulhada no franco favoritismo do cordão azul. Não podia ser de outro jeito pois o colégio era dedicado a Nossa Senhora e azul é a cor do seu manto e é a cor que simboliza a mãe de Deus. Num colégio católico, o encarnado era associado imediatamente à cor das chamas do Inferno, ao inimigo, ao Demo, e só muito depois, como professora de Folclore da UFRN, estudando o simbolismo dessas cores na cultura popular pude

entender e justificar essa preferência, uma vez que o azul simbolizava os cristãos e o encarnado simbolizava os mouros, numa tradição que nasceu na península Ibérica há mais de oitocentos anos e veio para o Brasil junto com as caravelas.

Mas naquele momento era somente eu, uma menina de oito anos, última pastora do encarnado, aspirante a Borboleta. O favoritismo do azul era tal que mesmo as meninas que eram pastoras do encarnado diziam que eram “do azul” e que só estavam ali porque afinal alguém tinha que formar no cordão encarnado. Era quase como um sacrifício, e a minha religiosidade exacerbada começou a me fazer pensar que eu seria uma espécie de mártir cristã, solta na arena dos leões, toda paramentada de vermelho, pronta a ser estraçalhada e devorada em louvor da minha fé.

Enquanto isso a disputa fervia na cidade entre os dois cordões porque, na noite do pastoril, que seria exibido no galpão onde tínhamos o recreio, o colégio ia ser aberto ao público numa exceção fora do comum: as pessoas pagariam ingresso para ver as meninas dançarem, essas meninas tão distantes e tão guardadas, apenas entrevistas nas missas de domingo veladas pelo filó dos véus.

Os votos eram vendidos para um e para outro cordão, enquanto as torcidas se organizavam. Nos

recreios, nos intervalos das jornadas, as vozes se elevavam no grito de guerra do azul:

*Azul é o céu  
Azul é o mar  
Azul é a rainha  
Que nós vamos coroar!*

Dentro do meu coração, eu adorava o encarnado. As emoções tomavam conta de mim, e nesse período fui a criança mais confusa de quantas já existiram na face da terra porque amava o encarnado, traía e recalcava esse amor, declarando que amava o azul – e era mentira – me propondo ao sacrifício de participar do cordão encarnado - e era mentira novamente - porque no fundo não estava me sacrificando: estava gostando de vestir a cor.

Além disso, ansiava desesperadamente para que as costureiras terminassem de preparar a roupinha da borboleta, que era uma espécie de roupa colante de cor prateada, com duas asas armadas em arame e enfeitadas de verde. Na hora em que a borboleta entrava, as pastoras se ajoelhavam e ela dançava entre elas, contornando-as uma a uma. Eu já havia ensaiado algumas vezes e estava toda feliz. Minha voz soava alta e clara, e como a apresentação do pastoril seria à noite eu

não corria o risco do fiasco que havia ocorrido com o frade visitante na cançoneta “Chamo-me Silvia...”

No grande dia, logo antes do Natal, o Colégio amanheceu em ritmo acelerado. Cada uma tinha uma tarefa, uma obrigação a fazer, freiras e professoras corriam em todas as direções, a excitação era imensa e nós, as pequenas, nos distraíamos com os carpinteiros que montavam um palco de mais ou menos um metro de altura no galpão, com o fundo confrontando com a porta de um dos banheiros, que funcionaria como camarim.

O palco era fechado nas laterais; no fundo foi colocado um imenso painel pintado representando as colinas de Belém, o céu azul e cheio de estrelas e a grande estrela guia, toda em dourado. Penso que o pastoril era um evento que o colégio fazia todo ano, pois o painel já estava pronto e guardado em algum lugar do imenso porão que ficava por baixo do salão, e já havia uma parte do figurino pronta, sendo preciso apenas trocar fitas, tecidos e enfeites.

No final da tarde nós, que íamos dançar, fomos todas recolhidas para o banheiro-camarim. Começou a troca de roupas, e o deslumbramento dos batons, dos rouges, dos lápis para pintar olhos, coisa que eu nunca havia visto no colégio e que nessa noite surgiram como por encanto, ou

vindo de fora ou saindo de esconderijos até então insuspeitados.

Tinha sido combinado que eu entraria como pastora do encarnado e quando fosse uma jornada antes da jornada da Borboleta eu ficaria no banheiro-camarim para vestir a roupa e colocar as asas. No final, voltaria a ser pastora de novo.

Enquanto as professoras maquilavam as meninas menores como eu, rebentou uma confusão lá nos fundos do banheiro envolvendo a minha arqui-inimiga Marluce, a Contra-Mestra, candidata a Rainha pelo cordão azul, a mesma que se divertia me trancando nos lugares escuros. Ela gritava, atirava as roupas no chão e jogava olhares furiosos para mim. Sem entender nada, fiquei calada, o coração aos pulos. Vi que ela se acalmava, parlamentava com irmã Cação, cochichavam as duas. A professora Grináuria, da 4<sup>a</sup>. Série, também estava na conversa e de repente chegaram a um acordo. Olharam as três para mim, e eu não conseguia imaginar o que estava acontecendo até que a professora chegou para mim e disse:

- Clotilde, você vai entrar somente como pastora. A Borboleta vai ser Analucia, ela é somente um pouco maior do que você e a roupa fica também dá certo para nela.

- Mas por que, Dona Grináuria?

A professora tinha bondade nos olhos, uma bondade muito triste, muito cheia de pena, e eu notei que seu vestido era de linho azul claro, estava muito bem engomado e a gola terminava num bordado de Richilieu, igual a uma toalha de mesa que tinha lá em casa de mamãe, seus brincos era dourados e grandes, e ela usava o cabelo de lado, morena, com os olhos verdes, parecendo com uma cigana.

- Porque, minha filha, o pai de Marluce quer que ela seja a rainha do pastoril e vai comprar todos os votos. Isso é bom porque é um dinheiro que o colégio está precisando. Mas ele quer que todas as filhas apareçam no pastoril. Marluce já é a Contra-Mestra, Isa é a Diana, mas Analucia era só uma pastora, então irmã Purificação resolveu colocá-la no seu lugar, como a Borboleta. Assim, fica tudo certo.

Eu baixei a cabeça enquanto as lágrimas desciam quentes e abundantes, manchando a seda vermelha do avental.

- Mas não chore, menina. Veja como você está linda com esse aventalzinho vermelho. Deixe eu ajeitar essas fitas, deixe!

Era Dona Grináuria, também quase chorando, parecendo ser ali a única pessoa que entendia o que eu estava sentindo. Naquele momento, pensei em mamãe e em papai, que tinham me colocado naquele lugar horrível. Pensei no tempo dos ensaios, tão feliz, tão cheio de prazer, de alegria, de canções, de diversão. Pensei em todas as orações que eu havia feito para que tudo desse certo na minha vida e finalmente pensei que Deus devia ser algum tipo de tirano ou de pessoa muito malvada para fazer aquilo comigo.

- Pois não vou mais! - e atirei o pandeiro no chão.

Então vieram todas, me convenceram, disseram que se eu não entrasse no palco ficaria de castigo ali e nada veria da festa, que já se anunciava muito animada pelo barulho de vozes que chegava até onde estávamos.

Socorro, a Mestra do encarnado, me abraçou, me beijou, me fez um carinho, e eu me convenci, mais pelo desejo de ver o que estava acontecendo lá fora do que pelos carinhos e pedidos que me fizeram. E então tudo começou.

As pastoras entraram na forma, com suas líderes à frente, cantando a jornada de abertura:

*Meu São José, dai-nos licença  
Para o Pastoril dançar  
Viemos para adorar  
Jesus nasceu para nos salvar...*

E íamos subindo para o palco, pelos fundos deste, debaixo de enormes aplausos, gritos e assovios dos rapazes. Eu, na última fila, não via quase nada, mas ainda guardo desse espetáculo uma visão de beleza e encantamento.

*É de meu gosto  
É da minha opinião  
De amar sempre o azul  
Com prazer no coração  
É de amar, sempre o azu-ul,  
Com prazer no coração!*

As meninas lindas, com as bocas incendiadas de batom, usando os aventais coloridos por cima das fardas, com as mangas compridas das blusas arregaçadas acima dos cotovelos e as saias com a barra levantada; usávamos umas chinelinhas feitas de uma material frágil, que durou apenas aquela noite. Batíamos os pandeiros acima e abaixo da cabeça, de um lado e do outro.

*É do meu gosto,  
É da minha simpatia*

*De amar o encarnado  
Com prazer e alegria  
É de amar o encarnado,  
Com prazer e alegria!*

Mestra e Contra-Mestra iniciavam as evoluções dos cordões, indo até o fundo do palco e voltando para a frente, intercalando as cores, fazendo coreografias.

Quando chegou a hora da entrada da Borboleta, tive que fazer força para não chorar de raiva e de despeito. A platéia gritava.

- Viva o Cordão Azul!

-Viva o Cordão Encarnado!

- Viva! Viva! Viva!

O galpão estava lotado de gente, havia mesas com pessoas sentadas, havia refrigerantes e garrafas de cerveja. Em uma das primeiras mesas, um homem grande, de pescoço grosso, careca, vestido num paletó marrom, camisa branca e sem gravata, que gritava mais do que todo mundo. Era o rico usineiro da cidade de Barreiros, o homem que havia tornado a minha noite de glória numa noite miserável, só para dar prazer às suas filhas,

usando para isso o poder do dinheiro que, daí por diante, aprendi tanto a respeitar como a odiar.

Dois dias depois, Mamãe chegou para me levar para as férias de final de ano.

## A CONTABILIDADE DIVINA

Não me lembro direito dos acontecimentos dessas minhas primeiras férias. Meus pais estavam morando em uma nova casa, na rua Miguel Couto, em Campina Grande, uma rua larga, em frente aos armazéns de algodão de Araújo Rique. Acima, a Praça Coronel Antonio Pessoa e a rua Irineu Joffily; abaixo, a Sanbra e o Açude Velho.

As calçadas eram largas, a vizinhança tinha muitas crianças, a rua era movimentada e tudo que era interessante na cidade, passeatas políticas, procissões, tudo passava à nossa porta. A casa era maior, mais confortável e o meu irmão havia crescido tanto! Eu estava feliz, mas me recordo da sensação de ter ficado estranhamente incomodada por ver que meus pais permaneciam com seus

hábitos de não freqüentar a igreja; e toda noite ficava constrangida quando me ajoelhava ao pé da cama para fazer as minhas orações.

Mamãe passava no corredor, espiava, e dizia a titia lá dentro:

- Clotilde está rezando de joelhos nos pés da cama.

E riam-se, talvez achando graça na minha inocente devoção mas, para mim, aquilo soava como um riso de crítica.

No primeiro domingo em casa, apesar da obrigação de “guardar os domingos e festas de guarda”, não tive coragem de pedir a ninguém para me levar à missa e apesar da grande felicidade que sentia por estar em casa, por não sentir fome, nem frio, nem medo, por poder brincar e estar com meus irmãos, por poder comer todas as coisas gostosas que eu tinha vontade, persistia aquela sensação de inadequação: a minha família se tornara diferente e, de certa forma, não me cabia mais do jeito que cabia antes.

No ano seguinte, 1957, fui novamente para o internato. Mais velha, conhecendo melhor os hábitos, não era mais tão bobinha quanto no ano anterior. No entanto, ainda era da turma das

“pequenas”, ainda era uma das menores. Vim abastecida de livros, de algumas latas de doce para comer com as bananas – embora tenha descoberto que nacos do meu precioso doce eram servidos juntos com as bananas da minha tia, maldita seja! Além dela continuar me batendo, comia do meu doce, comprado com o dinheiro de Papai. Deus realmente não gostava de mim.

Já bem acostumada com a rotina, não sofri tanto quanto da primeira vez. Arranjei também uma grande amiga, uma externa chamada Cleide, que dividia comigo a primeira carteira da quarta série. Era uma menina bonita e delicada, filha de um comerciante muito respeitado na cidade, mas era uma garota simples, sem a arrogância das filhas do usineiro que, para meu tormento, ainda estavam no colégio. Minha professora, em vez da freira do ano anterior, era a bondosa D. Grináuria, com seu jeito de cigana, que havia me consolado na noite do pastoril. Os recreios continuavam os mesmos, com os jogos de baralhos e as danças, as amizades, o pé de juá carregado, os jogos de vôlei aos sábados, os passeios aos domingos, a campainha nos acordando às cinco e meia da manhã na madrugada gelada.

Também fui admitida algumas vezes para cantar no coro, onde havia uma serafina, velhíssima mas afinada, tocada por uma das freiras

em algumas ocasiões para acompanhar os hinos. Éramos oito ou dez alunas cantando a ladainha de Nossa Senhora, em latim. Jamais esquecerei deste som, com sua pompa e glória.

Apesar do cântico, o meu espírito andava duvidoso. Minha contabilidade com Deus, formada por todas aquelas parcelas de jaculatórias, pecados, boas obras, atos de contrição, pensamentos pios e devoções variadas, estava por um fio. Eu tinha contas a ajustar com Ele, pois não havia esquecido os acontecimentos do pastoril do final do ano, onde a vida tinha sido tão cruel comigo, representando isso a culminância das injustiças que, pensava eu, estavam se acumulando em forma de créditos na minha coluna de “haver.”

É certo que eu pecava. Mas, observando bem todos que me cercavam, tive a certeza de que todos também pecavam. As meninas, umas mais do que as outras; as freiras, com exceção talvez de irmã Sara, tão boa, com seu jeito de camponesa, metida dia e noite na cozinha, sem uma só palavra de reclamação. As outras, todas elas, até minhas queridas Irmã Irene e Irmã Guadalupe pecavam, pois sorriam quando não deviam, cochichavam e maldiziam das freiras mais velhas, debochavam de frei Irineu. Minha tia pecava, pois era cruel e injusta comigo, e sabe-se lá quais outros pecados

não teria? Frei Irineu pecava pois celebrava a missa nas carreiras para tomar café mais cedo. Eu era pequena demais para perceber que isso, esses pecados, grandes ou pequenos, conscientes ou não, eram somente a nossa Humanidade se manifestando, as imperfeições de cada um, as características da personalidade, os traços de caráter, o quadro completo das virtudes e defeitos do ser humano.

Mas como uma criança de nove anos – agora eu já tinha nove – ia entender isso? O que eu percebia e entendia era que, se todo mundo pecava, por que somente eu vivia assoberbada pelo medo da morte e pelo medo do inferno? E por que aquelas pessoas, tão pecadoras também como eu, pareciam desfrutar tanto da vida, principalmente as que não deviam pecar, como as freiras e o frade? O frade, principalmente o frade, que tocava todo dia o corpo de Jesus! E se o corpo de Jesus não estivesse na hóstia? E se tudo aquilo fosse uma grande farsa? Tremi, ao pensar na enormidade do que eu estava imaginando e de uma só vez bati na madeira três vezes e disse quinze jaculatórias.

Mas o pensamento não se afastou da minha mente, e a dúvida começou a se insinuar no meu coração. Quando fui fazer a confissão, relatei meu

pecado entre os outros, para que ele passasse despercebido:

- Eu menti, fui mal comportada na forma, falei da vida alheia, não prestei atenção na missa, duvidei do mistério da eucaristia, puxei o cabelo de duas meninas e usei o santo nome de Deus em vão.

E Frei Irineu, do outro lado da grade do confessionário, provavelmente pensando em outra coisa, repetia o mesmo velho refrão:

-Três Padre-Nossos e três Ave-Marias, vai em paz, minha filha, estás perdoada.

Pronto, eu estava livre e no outro dia podia voltar a comungar.

Comecei a prestar mais atenção nas histórias que lia nos livros sobre as vidas dos santos, e nas histórias que as freiras contavam. Eram histórias de milagres prodigiosos acontecidos pela intercessão dos santos, curas milagrosas, paralíticos que andavam, cegos que enxergavam. Eram castigos terríveis que sofriam aqueles que zombavam de Deus e dos seus ensinamentos. Nessa parte eu me arrepiava toda de medo, mas mesmo assim continuei prestando atenção. Constatei que um dos maiores pecados que

existiam, presentes em todos os relatos dos livros ou contados pelas freiras era a comunhão sem estar preparado, ou melhor, sem estar rigorosamente preparado, e aí havia uma ênfase muito grande na palavra rigorosamente, que naquela época incluía a não ingestão de uma gota sequer de água e o coração branco como a neve, sem nenhum tipo de pecado.

As dúvidas tomavam conta de mim. Num sábado, irmã dos Anjos me chamou para ajudá-la na capela, e depois de limpar os objetos, trocar as toalhas, flores e velas, ela sentou-se a uma mesinha e começou a fazer as hóstias, cortando com uma espécie de máquina os discos de massa finíssima.

Eu perguntava:

- Quem faz as hóstias? São feitas na padaria. Juntos com os outros pães?

- É sim - respondia irmã dos Anjos, distraída. - Tome um pedacinho.

E me dava um retalho da massa cortada.

- E não tem Deus agora na hóstia?

- Não, só depois que o padre consagra na hora da missa.

Eu mastigava o retalho de pão, que tinha o mesmo gosto e textura da hóstia de verdade, depois de consagrada, e não achava nenhuma diferença.

Como é possível, pensava eu, que só porque um frade apressado, doido para tomar café, diz algumas palavras, Deus sai lá do canto dele e vem habitar esse pedaço de pão?

Pensava mas não perguntava, pois tinha certeza de que essa pergunta não seria bem recebida nem por irmã dos Anjos, e eu iria terminar no castigo.

E enquanto a dúvida se infiltrava lentamente no edifício de fé que eu havia construído, minando as bases do meu relacionamento com a divindade estabelecido com tanto cuidado sobre jaculatórias, orações e ladainhas, um acontecimento importante quebrou a rotina do colégio.

## A MORTE DA FÉ

Em 1957, o colégio recebeu a notícia de que o Bispo Diocesano de Garanhuns, D. Expedito Lopes, era esperado para uma visita.

Aulas extra de religião foram ministradas por irmã Cação, explicando a importância de um bispo e de sua visita, a posição dele na hierarquia da igreja e a necessidade de que todo o colégio se apresentasse bem perante tão augusta autoridade. Todas as internas teriam que cumprimentá-lo, desfilando diante dele, com suas fardas de gala, e em seguida ouvir sua palavra.

Para cumprimentá-lo, era preciso dirigir-se a ele de forma correta, respeitosa, sem encará-lo; chegando até ele, dobrar o joelho direito em

genuflexão e então beijar o anel que ele estendia, no anular da mão direita. Em seguida, dirigir-se a um canto do salão e colocar-se no seu lugar, aguardando em pé, até que todas beijassem o anel e ouvissem a palavra do sacerdote.

Aprendemos também que ao falar com um bispo deveríamos usar a expressão “Vossa Excelência Reverendíssima” mas que jamais, jamais, jamais devíamos nos dirigir a ele.

- Tinha graça! Uma menina falando com um Bispo!

Foi o que ouvi de irmã Cação quando eu perguntei se podia falar com ele. Eu alimentava a esperança de que ele pudesse me responder às minhas dúvidas sobre a religião, a fé, os pecados, a divindade.

No dia da visita entramos uma a uma no salão e eu divisei aquele homem imponente, de óculos, com a cruz peitoral dourada sobre as vestes negras adornadas por uma faixa roxa, sentado numa cadeira alta, uma espécie de trono. Apesar da recomendação de manter os olhos baixos a curiosidade era mais forte e eu o olhei bem, mas fiz corretamente a genuflexão e o beijo no anel.

Pouco tempo depois, Dom Expedito Lopes seria assassinado pelo padre Hosana de Siqueira e Silva, no dia 1º de julho de 1957, num dos crimes mais comentados do Nordeste e do Brasil, tendo o caso ganhado repercussão internacional.

Nunca se esclareceu corretamente o motivo do crime, mas o que se sabe é que o Bispo teria chamado atenção do Padre, que era vigário de Quipapá, cidade próxima, por um romance que este mantinha com uma prima, que vivia na própria casa paroquial.

No dia do crime, o padre chegou a Garanhuns, vindo de Quipapá no final da tarde. Dirigiu-se ao Palácio Episcopal onde, depois de um acalorado bate-boca com o Bispo, disparou contra ele três tiros de revólver. Depois, pulou o muro, entrou num jipe e fugiu para o Mosteiro de São Bento de onde foi trazido para Recife, pois o povo de Garanhuns queria linchá-lo. Julgado, foi condenado a 19 anos de prisão, mas em 1968 saiu em liberdade condicional e foi viver em um sítio perto da cidade de Correntes, de onde era natural; no dia 7 de novembro de 1997, aos 84 anos, ele foi assassinado a golpes de madeira na cabeça, crime até hoje não esclarecido.

O Padre Hosana carrega o fardo de ser o terceiro padre na história da Igreja Católica em

todo o mundo a assassinar um bispo: o primeiro caso aconteceu a 03 de janeiro de 1857, quando o padre Luiz Verge matou a punhaladas, na Igreja de Santa Madalena, em Paris, o arcebispo Dom Augusto Sibour; o segundo caso data de 18 de abril de 1867, quando o abade Galleote Costella matou, com um tiro de revólver, o bispo de Madri, Espanha, Dom Martinez Izquierdo. O poeta popular Expedito Nunes foi um dos que imortalizou o caso do Padre Hosana em folheto de cordel:

*Na Cidade Garanhuns  
Um triste fato se deu  
Um padre matou o Bispo  
O mundo se comoveu  
Leiam aqui a triste história  
E gravem bem na memória  
Como foi que aconteceu.*

(...)

*Pois Caim matou Abel  
Contra a lei do Criador  
Por trinta moedas de prata  
Judas vendeu seu senhor  
Seguindo a mesma carreira  
Padre Hosana de Siqueira  
Mata seu superior.*

Toda essa história que conto hoje de maneira tão clara e resumida nós, internas, tomamos conhecimento aos pedacinhos, aos sussurros, em segredo, por palavras veladas. Foi um escândalo que abalou profundamente a Igreja. As freiras choravam pelos corredores e o clima era de profunda comoção. Os ingredientes eram escandalosos, pois revelavam os podres da igreja católica que, a rigor, deveriam ficar ignorados, escondidos, camuflados. Padre vivendo maritalmente com uma prima dentro da própria casa paroquial, estando a mulher grávida. Padre andando armado, com revólver na cintura. Padre assassinando o seu superior. Tudo isso nós terminamos sabendo, de uma maneira ou de outra, e esses fatos calaram profundamente naquelas religiosidades nascentes, que eram ainda roçado novo e tenro no coração de cada uma.

No meu, roçado já tomado pelas pragas da dúvida, pelas lagartas da descrença, pelos gafanhotos do questionamento, e, ainda por cima, com a mente funcionando a todo vapor, inteligente, inquiridora, atrapalhada na minha contabilidade com Deus, acumulando jaculatórias e pecados e sempre perdendo a conta da diferença entre ambos, esses fatos calaram profundamente. Afinal, esses padres e freiras não eram tão direitos e puros como queriam parecer.

Então certa feita, numa aula de religião ou numa preleção qualquer, quando se enfatizava mais uma vez a importância daquilo que as freiras chamavam “uma comunhão bem feita”, eu comecei a perguntar:

- E se a pessoa não se preparar? E se estiver em pecado mortal?

- Mas ninguém é louco de comungar em pecado mortal, Clotilde.

- Mas se a pessoa comungar? Se quiser comungar?

- Mas como? Ora que menina insistente!

- Olhe, irmã Cação: se uma pessoa por exemplo não acreditar em Deus e entrar na igreja e comungar em pecado mortal?

Aí ela entendeu onde eu queria chegar e começou a contar uma história terrível, de um homem que havia comungado sem ser católico, apenas para desafiar um filho que queria ser padre. Ele queria que o rapaz continuasse o negócio da família mas o rapaz, teimoso e beato, queria mesmo era ser padre. Então o pai foi à missa e recebeu a hóstia, fazendo questão de dizer a todos que aquilo era uma bobagem e que

ele nunca havia se confessado na vida. Ao voltar para casa, depois da missa, como era um homem guloso e exagerado, revolveu comer um ovo cozido inteirinho de uma só vez. O ovo então obstruiu sua garganta, ficando preso naquela região e ele foi ficando roxo, sem ar, até que a pele se rompeu como que numa explosão, expulsando o ovo e dilacerando todo o pescoço, levando-o à morte.

As outras meninas estavam aterrorizadas, mas para mim não havia nada demais: a história fazia sentido sim e não tinha nada a ver com a comunhão. Tinha a ver com a loucura desse idiota que tinha resolvido engulir um ovo inteirinho. Para mim, a hóstia não tinha qualquer papel nisso e eu continuei:

- Mas irmã Cação, qualquer pessoa que for comer um ovo cozido inteiro se engasga. Isso pode acontecer com qualquer uma de nós.

Então ela contou outra história, de uma moça que havia, inadvertidamente, engulido algumas gotas de água ao escovar os dentes e comungou; de uma menina curiosa - e nessa hora ela olhava para mim com seus olhos de peixe deformados pelas lentes de míope - que tirou a hóstia da boca para ver como era; da outra que deixou cair um pedacinho da hóstia no chão. Em todos esses

casos, as conseqüências tinham sido trágicas; a hóstia se transformava em sangue e a hemorragia era tal que nenhum médico conseguia contê-la. E contou depois outras histórias onde, na mesma hora em que o pecador colocava sobre a língua a hóstia consagrada, ao levantar-se da mesa de comunhão, era fulminado por um raio, caindo morto ali mesmo.

Por mais que eu pensasse, não consegui ver lógica nesses acontecimentos. Por mais que martelasse minha cabeça e tentasse saber mais, também me sentia ameaçada pelo castigo em que certamente eu incorreria se fosse detectado nas minhas perguntas, que eu tentava formular da forma mais inocente possível, algum resquício de dúvida ou de questionamento às coisas divinas.

Outra coisa que eu não entendia era porque Deus tinha deixado Jesus sofrer tanto na cruz. Isso não fazia o menor sentido para mim, uma vez que todos os pais que eu conhecia faziam qualquer coisa para que seus filhos não sofressem. Como então Deus havia permitido uma malvadeza daquelas? E aqui eu parava um pouco e pensava nos meus próprios pais, colocando-me no internato contra a minha vontade, no qual eu já estava desde o ano anterior. Eles não seriam tão malvados quanto Deus, abandonando-me àquele sofrimento todo? Mas meus pais tinham uma

desculpa: eles não sabiam o que acontecia comigo ali. Minhas tentativas iniciais de contar tudo por carta haviam sido proibidas; e depois, como toda criança espancada ou abusada, eu tinha um medo terrível de contar o que estava acontecendo comigo e, quem sabe, piorar ainda mais as coisas.

Voltando a Deus, eu achava um papelão ele ter entregue seu próprio filho aos judeus para ser crucificado. O próprio Jesus, na hora terrível, não perguntava, sem compreender aquilo:

- Pai, por que me abandonaste?

- Foi para salvar a humanidade dos pecados - explicavam as freiras.

- Mas não havia outro jeito? Se ele era Deus, não havia outro jeito de salvar a humanidade sem precisar sacrificar seu filho? - perguntava eu, dilacerada entre o mito e a realidade, entre a fé cega da religião e a faca amolada da lógica.

E, de repente, tomava consciência de que estava pecando de novo, somente por formular todo esse raciocínio.

Um dia resolvi colocar tudo isso à prova. No domingo, comunguei normalmente como o fazia sempre. E, a partir daí, ao longo da semana, não

me incomodei mais com o fato de estar pecando. Deixei correr. Comportei-me normalmente, brincando, disputando os jogos de sempre, roubando no baralho, conversando na forma, praguejando silenciosamente contra minha tia e contra irmã Cação, chamando nomes feios quando tinha vontade, esquecendo toda a interminável disciplina das jaculatórias e das boas ações, aposentando a caderneta onde anotava os meus insumos de santidade com vistas a livrar minha cara quando chegasse ao Purgatório.

No sábado, enquanto íamos sob vigilância para a fila do confessionário, entrei e saí da fila tantas vezes que a freira se confundiu e quando eu disse que já havia me confessado ela acreditou. Fui dormir no sábado com a alma completamente negra dos piores pecados que uma criatura poderia cometer. Entre pecados capitais, mortais e veniais, eu havia cometido todos.

No domingo de manhã, ao descer para a missa na capela, minhas pernas tremiam. Meu coração parecia querer sair pela boca, como o ovo cozido do ateu da história. Eu suava, minhas mãos estavam frias, mas agüentei firme e na hora da comunhão dirigi-me lentamente para o altar, morta de medo de que alguma freira dissesse:

- Pare, Clotilde! Você não se confessou!

Mas ninguém notou, ninguém disse nada, e eu caminhei quase paralisada de medo mas com decisão, porque se não tirasse aquele assunto a limpo sentia que nunca mais teria paz.

Ajoelhei, o frade aproximou-se de mim com a hóstia, o coroinha colocou sob meu queixo a patena, eu abri a boca, projetei a língua para a frente e pronto. Havia recebido a hóstia consagrada. Levantei-me com dificuldade, de voltei para o meu lugar no banco.

Não havia dado ainda três passos quando descobri que não ia acontecer nada. Nem raio, nem trovões, nem corpo fulminado caindo ao chão, nem hóstia virando sangue, nem invasão de demônios para me carregar com tripas e tudo para o inferno. Ao chegar ao banco, uma enorme alegria enchia o meu coração, e posso dizer que esse foi um dos momentos mais felizes que tive no internato: aquele momento em que, graças ao meu próprio discernimento e ao meu próprio raciocínio, havia provado um ponto de vista, não qualquer um, mas um ponto de vista totalmente diferente daquilo que todos pensavam.

A partir daí, minha vida melhorou. Estava quase no fim do ano. Deixei de se perseguida pela dúvida, pela culpa, pelos remorsos, pelo pecado.

Abandonei a contabilidade divina, tão difícil de manter, tão operosa, que exigia tanto dos meus nove anos de idade. E resolvi comigo mesma que no ano seguinte eu não voltaria para o internato Nossa Senhora do Bom Conselho.

E assim o foi.

# EPÍLOGO

A frase que serve de epígrafe a esse relato traduz claramente a minha intenção: o desejo de ser fiel a mim mesma. Durante toda a minha vida lutei uma guerra inglória, de muitas batalhas perdidas, contra um sentimento dolorido de rejeição. Hoje compreendo que o núcleo desse sentimento, que venho superando pouco a pouco, está no fato de ter sido, numa idade tão precoce, desligada da minha família para ser colocada no internato, onde nunca fui feliz pelas injustiças que sofri. Lá experimentei sensações agudas de perda, de desenraizamento, de rejeição, de falta de amor, de carinho, de não poder confiar em ninguém, de ser traída até por Deus e pela religião.

Por que fui colocada tão pequena no internato? Sempre culpei a minha mãe por isso. Sempre achei que meu pai ficava extremamente contrariado em se separar de mim a cada vez que eu partia para Bom Conselho, e a sensação que eu tinha era de que ele fazia isso obrigado pelas circunstâncias.

Deve ter sido isso mesmo. Minha mãe sempre foi a mais forte dentro do casamento. Suas ideias sempre predominaram sobre as de meu pai, que terminava fazendo aquilo que ela queria. Era curioso como as coisas se passavam entre os dois. Quando ela não queria fazer algo, ou não queria que nós, os filhos, fizéssemos, dizia que ele não deixava, que ele não permitia; e muitas vezes ele sequer sabia o que estava acontecendo. Já quando ela queria fazer, insistia até ele concordar, o que não demorava muito. Papai era desses homens que fazia de tudo para não se meter em situações de conflito.

Permanece a pergunta: por que me colocaram no internato? Com certeza não foi por minha causa. Eu não era rebelde, e não havia qualquer motivo para não me quererem em casa. Talvez nessa época tenham começado os primeiros desentendimentos dos meus pais. Ele começou a ficar muito tempo na rua, no jornal, com os amigos, nos bordéis, na boemia; ela reclamava, e

brigavam. Hoje tenho quase certeza de que ela quis me afastar desse ambiente familiar tenso, cheio de brigas e discussões. Tenho uma vaga lembrança de uma conversa que ouvi entre as minhas tias, irmãs dela, sobre isso.

Além do mais, naquele tempo, era de bom-tom colocar os filhos no internato. Todas as famílias que tinham posses faziam isso. A escola mais famosa da época era a Escola Doméstica, em Natal, onde jovens de boa família aprendiam as prendas domésticas, simultaneamente com as disciplinas escolares comuns.

Tenho certeza de que meus pais discutiram bastante a respeito, e que se me colocaram no internato foi porque entenderam que aquilo era o melhor para mim.

É preciso também algumas palavras a respeito da forma rigorosa de se educar as crianças naquele tempo. Era normal, admissível e até recomendável o uso de castigos físicos. Na casa vizinha à nossa na rua Sólon de Lucena, nesse mesmo ano em que fui para o internato, funcionava uma pequena escola de famosa professora, Dona Noca, célebre pelo rigor com que aplicava bolos e mais bolos de palmatória nas mãos dos alunos, com plena concordância dos pais.

O que hoje parece crueldade, naquele tempo era a forma adequada de educar; crianças não tinham vontades, nem desejos, nem podiam “responder” aos adultos. A norma era ouvir e ficar calado. Trocar palavras com adultos, principalmente mostrando discordância de opinião, era indisciplina e falta de educação.

Hoje, depois desses anos todos, acertei minhas contas com o passado. Aprendi a ouvir aquela criança que fui em 1956 e que, não tendo sido ouvida na época, passou a vida toda a gritar dentro de mim.

Hoje, sou mais amiga dessa menina do que jamais fui dos meus filhos. E ela, a menina, em processo ainda de crescimento, em troca do carinho, da atenção e do espaço que eu dou a ela me retribui com curiosidade, inteligência viva e sagaz, peraltice e alegria, fazendo a mulher de sessenta e dois anos ser deliciosamente arrebatada pela infância e tornar-se criança outra vez, sem medo, sem dor, sem tristeza, desta vez deliciosa, livre e finalmente feliz.

*Escrito entre junho e dezembro de 2009,  
em João Pessoa e Natal.*